

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

MARYELEN DA CONCEIÇÃO BORGES

A EXPERIÊNCIA DA HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO FAMILIAR

VITÓRIA
2015

MARYELEN DA CONCEIÇÃO BORGES

A EXPERIÊNCIA DA HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO FAMILIAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Ms. Daniella Messa Melo e Cruz

VITÓRIA
2015

MARYELEN DA CONCEIÇÃO BORGES

A EXPERIÊNCIA DA HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO FAMILIAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em _____ de _____ de _____, por:

Prof. Ms. Daniella Messa Melo e Cruz - Orientador

Prof. Dra. Beatriz Baptista Tesche Rossow, Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

Prof. Ms. Vânia Maria Congro Teles, Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

Para minha mãe Maria José, que me deu toda força e apoio necessário nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me dar a vida e me proporcionar chegar até aqui. Agradeço imensamente a minha mãe, Maria José, por ser a minha base, o pilar principal na construção dessa obra, por me dar todo o apoio neste passo para o futuro e toda a força necessária para que eu não desistisse, além de me suportar nas fases mais estressantes da faculdade e do trabalho de conclusão de curso. Agradeço também ao meu amigo João Pedro, que sempre me apoiou e me incentivou, sendo um dos alicerces desta obra. Não posso deixar de agradecer a Maria Regina, que de tanto me escutar quase virou minha 'terapeuta', sendo um instrumento de alívio nos momentos de pressão. As meninas do Psicologando: Thayse, Luana Monteiro e Luana Guimarães, que mesmo vivenciando a mesma fase que eu, não deixaram de me apoiar e dar forças, um trabalho mútuo no grupo. E por fim, agradeço a minha orientadora Daniella Messa por ser a melhor orientadora que eu poderia ter, dando toda a compreensão e suporte necessário para que este trabalho saísse da melhor forma possível.

Não podemos mudar nossos padrões sexuais por decisão de um ou de muitos, assim como não podemos “desaprender” a língua em que aprendemos a falar. Mas se não podemos “desaprender” nossas linguagens e sexualidades maternas e paternas, podemos aprender outras línguas (COSTA, 1992, p. 38).

RESUMO

A homossexualidade pode ser definida como uma atração e atividade sexual exclusiva entre pessoas do mesmo sexo e defini-la é algo que envolve muitos conflitos. Por muito tempo a homossexualidade foi considerada doença, mas em 1973 a Academia Americana de Psiquiatria deixou de considerar a mesma como um distúrbio mental. Apesar das transformações sócio culturais ocorridas, em pleno século 21 o preconceito e a discriminação com relação a homossexualidade ainda é recorrente em nossa sociedade, influenciando no desenvolvimento do jovem e principalmente em sua relação com a família. A partir disto o presente estudo teve como objetivo a compreensão dos fatores que influenciam o jovem a revelar sua homossexualidade para a família, assim como a compreensão do acolhimento familiar recebido pelo jovem e as suas consequências. Foram entrevistadas dez pessoas, oito homens e duas mulheres, com faixa etária de 18 a 29 anos, com escolaridade nível médio ou superior incompleto, residentes na Grande Vitória, com sua orientação sexual revelada ou não para a família. Foi realizada uma pesquisa de campo, de caráter exploratório e que através da análise de conteúdo qualitativa das entrevistas, originaram-se vários subcapítulos temáticos. Em um panorama geral, a revelação da homossexualidade acontece de forma sofrida, muitas vezes não sendo aceita pela família, gerando consequências no jovem e em seu comportamento, assim como na sua relação com a mesma. A dicotomia família tradicional/moderna foi o ponto de partida para a compreensão dos fatores que levam o jovem a assumir para si mesmo e para a família a sua orientação sexual. Conclui-se que a revelação da homossexualidade é um processo que envolve muitas variáveis e que pode se transformar ao longo deste, sendo experiências diferenciadas entre homossexuais do sexo feminino e masculino. Evidencia-se também a necessidade de estudos nesta área no âmbito nacional para uma melhor compreensão da realidade dos homossexuais brasileiros.

Palavras-chave: Homossexualidade. Revelação. Acolhimento familiar.

ABSTRACT

Homosexuality may be defined as an attraction and exclusive sexual activity between persons of the same sex and define it is something that involves many conflicts. For a long time homosexuality was considered disease, but in 1973 the American Academy of Psychiatry no longer considered the same as a mental disorder. Despite the social and cultural changes that took place in the 21st century prejudice and discrimination regarding homosexuality is still recurrent in our society, influencing the development of the young, especially in its relationship with the family. From this the present study aimed at understanding the factors that influence young people to reveal their homosexuality to the family as well as the understanding of foster care received by young and their consequences. Ten people, eight men and two women were interviewed, aged 18-29 years with average education level or higher incomplete, residents in Greater Victoria with his revealed sexual orientation or no family. A field survey was conducted exploratory and through qualitative content analysis of the interviews, originated several thematic subchapters. In an overview, the revelation of homosexuality happens suffered so often not being accepted by the family, generating consequences in the young and in their behavior, as well as in its relationship with it. The traditional / modern dichotomy family was the starting point for understanding the factors that lead young people to take for himself and his family to their sexual orientation. It concludes that the revelation of homosexuality is a process involving many variables and it can turn over this, and differentiated experiences between female and male homosexuals. It also highlights the need for research in this area at the national level to better understand the reality of Brazilian homosexuals.

Keywords: Homosexuality. Revelation. Foster care.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1 IDENTIDADE	23
2.2 JUVENTUDE	25
2.3 IDENTIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE	26
2.4 HOMOSSEXUALIDADE: DEFINIÇÃO E HISTÓRIA	28
2.5 PRECONCEITO, ESTEREÓTIPO E DISCRIMINAÇÃO	31
2.6 HOMOFOBIA	33
2.7 FAMÍLIA	35
3 METODOLOGIA	39
3.1 DELINEAMENTO	39
3.2 PARTICIPANTES	41
3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	42
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	42
3.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	43
3.6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	43
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
4.1 FAMÍLIA: TRADICIONALISMO VERSUS MODERNIDADE	45
4.1.1 Sexualidade	49
4.2 DESCOBERTA DA HOMOSSEXUALIDADE	51
4.3 REVELAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE	57
4.3.1 Momento da revelação	59
4.3.2 Acolhimento familiar	62
4.3.3 Sentimentos pós revelação	67
4.4 CONSEQUÊNCIAS DA REVELAÇÃO	69
4.4.1 Consequências da revelação no jovem	69
4.4.2 Consequências da revelação no comportamento do jovem	71
4.5 ACOLHIMENTO FAMILIAR ATUAL	73
4.6 SEXO FEMININO: MEDOS E DIFICULDADES EM REVELAR-SE HOMOSSEXUAL	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	83

APÊNDICE	93
APÊNDICE A	93
APÊNDICE B	94

1 INTRODUÇÃO

O termo homossexualidade pode ser definido como uma atividade sexual praticada exclusivamente entre pessoas do mesmo sexo.

Lopes (1993, p. 59) afirma que:

O relacionamento com pessoas do mesmo sexo, não obrigatoriamente genital, constitui o que chamamos de comportamento homossexual. Tachado através dos tempos como doença, pecado, crime, este padrão sexual vem resistindo a todas as pressões sociais, religiosas, políticas e médicas.

A definição de homossexualidade é algo que pode envolver muitos conflitos e discussões sobre o significado que o termo deve ter (CORRÊA JÚNIOR et al, 2010). Entre as várias definições possíveis, Martos e Vidal (1998) visando esclarecer as concepções existentes sobre a homossexualidade, utilizam duas definições que acreditam que se completam mutuamente:

A primeira é de Julio Marmor Denniston e diz: (homossexual) 'é aquele que em sua vida adulta se sente motivado por uma atração erótica definida e preferencial por pessoas do mesmo sexo e que, de modo habitual, embora não necessário tem relações sexuais com eles'. (...) A segunda se fixa nos aspectos antropológicos (...) 'Por homossexualidade entendemos a condição humana de um ser pessoa que a nível da sexualidade, caracteriza-se pela peculiaridade de sentir-se constitutivamente instalado na forma de expressão exclusiva com um parceiro do mesmo sexo' (MARTOS; VIDAL, 1998, p. 8).

Durante muito tempo a homossexualidade foi considerada como doença, como se fosse algum transtorno ou algo contagioso. Porém em 1973, a Academia Americana de Psiquiatria deixou de considerar a homossexualidade um distúrbio mental, colocando-a como uma forma alternativa de expressão sexual (LOPES, 1993). Segundo mesmo autor, a homossexualidade resistiu também a todos os modelos científicos que tentam explicar isoladamente a sua etiologia, seja genética (influenciada por fatores genéticos advindos desde o nascimento com relação às outras gerações), endócrina (influenciada pelas glândulas genitais), psicológica (como doença ou transtorno) ou ambiental (influenciada pelo meio onde o indivíduo vive).

Ceccarelli (2008) pontua que a atração sexual entre indivíduos do mesmo sexo existe desde os primórdios da história da humanidade, sendo independente da cultura e do tratamento dado a essas pessoas, que foi determinado pela época e pelo lugar.

Prática comum e bem tolerada na Grécia, Pérsia, Roma e China, mas condenada entre os assírios, os hebreus e os egípcios. Entre os índios brasileiros, assim como em algumas sociedades africanas – a antropologia é rica em relatos –, as reações frente ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo variam desde a aceitação, como uma expressão legítima da sexualidade, até a rejeição absoluta. Com o advento do cristianismo, a homossexualidade torna-se, em certos períodos, um crime passível de morte (CECCARELLI, 2008, p. 73).

Apesar de estarmos no século XXI, o preconceito ainda é forte e disseminado, fazendo com que o homossexual tenha dificuldade em se expor e lutar por sua causa, temendo a desqualificação do seu discurso e outras reações negativas (FRANÇA, 2009). Estas reações também podem estar na própria família do jovem homossexual, e para melhor compreensão das dificuldades encontradas pelo mesmo é preciso compreender o contexto em que está inserido, refletindo acerca da família e dos aspectos relacionados a concepção de Juventude.

Segundo o documento base da Política Nacional de Juventude (PNJ) é considerado jovem todo cidadão de faixa etária entre os 15 e os 29 anos, divididos em 3 grupos: jovens da faixa etária de 15 a 17 anos, denominados jovens-adolescentes; jovens de 18 a 24 anos, como jovens-jovens; e jovens da faixa dos 25 a 29 anos, como jovens-adultos (BRASIL, 2006).

De acordo com Abramo (2008), a juventude possui características diferenciadas de acordo com o contexto no qual os jovens estão inseridos. Por essa razão, a literatura atual tem utilizado a palavra juventude no plural. O uso da expressão "juventudes" representa o reconhecimento da necessidade de, ao se tratar de jovens, levar em conta que esse segmento constitui identidades e singularidades de acordo com a realidade de cada um (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008; SILVA E SILVA, 2011).

Silva e Silva (2011) apontam que a palavra juventude ou jovem vem assumindo diferentes sentidos de acordo com o contexto histórico, social, econômico e cultural em vigência, mas que o sentido mais comum encontrado é aquele que define a juventude como uma fase de transição entre a adolescência e a vida adulta, como um momento de preparação.

Essa mesma ideia é também compartilhada por Abramo (2008, p. 110),

Que considera, que para a sociedade moderna, ser essa uma fase de preparação do jovem para um exercício futuro de cidadania, dada pela condição de adulto, quando as pessoas podem e devem assumir integralmente as funções, inclusive as produtivas e reprodutivas, com todos os deveres e direitos implicados na participação social.

Essa fase de transição, de preparação para a vida adulta deve ter o suporte da família como rede de apoio para as dificuldades e dúvidas que surgirão no jovem. Uma das grandes dúvidas que podem surgir é em relação a sua orientação sexual. A mesma é definida como o desejo ou atração que uma pessoa tem por outra, independente de ser uma atração física ou emocional e pode ser classificada como heterossexual (atração pelo sexo oposto), homossexual (atração pelo mesmo sexo), bissexual (atração por ambos os sexos) e assexual (ausência de atração por algum dos sexos).

De acordo com Gomes (1988, apud Szymanski, 1997), família é considerada um grupo de pessoas que vivem numa estrutura de hierarquia, convivendo com a ideia de uma relação afetiva duradoura, que inclui a relação de cuidado entre os adultos e entre as crianças e idosos que estão inseridas nesse contexto.

Sarti (2011, p. 85) afirma que:

[...] são da família aqueles com quem se pode contar, isto quer dizer, aqueles que retribuem ao que se dá, aqueles, portanto, para com quem se tem obrigações. São essas redes de obrigações que delimitam os vínculos, fazendo com que as relações de afeto se desenrolem.

Nesse sentido, segundo França (2009), é importante para o próprio homossexual assumir sua orientação perante seus familiares, pois é essencial não esconder um "segredo" deste porte da família de origem. São fatores preditivos de uma boa adaptação psicológica as seguintes variáveis: apoio familiar, aceitação familiar e conhecimento da homossexualidade no seio familiar (PEREIRA; LEAL, 2005).

Para Cramer e Roach (1988), citado por Pereira e Leal (2005, p. 317):

A reação dos pais à homossexualidade dos seus filhos é muitas vezes imprevisível, o que nem sempre facilita as transformações intra e interpessoais, devido, sobretudo a uma antecipação da rejeição, fato este que pode colocar stress acrescido à relação pais/filhos.

A falta de apoio familiar perante a revelação do jovem faz com que a relação existente entre em crise e com isso o preconceito acaba emergindo, às vezes, de forma brusca. Porém, em contrapartida, o preconceito vem diminuindo progressivamente.

França (2009, p. 30) pontua que:

Apesar de tudo, os preconceitos contra os homossexuais vêm diminuindo lentamente no nosso país, no decorrer dos últimos anos. Contribuem para isso a maior visibilidade dos homossexuais, os movimentos de gays e lésbicas [...] e uma crescente divulgação do assunto na mídia, como os

gays e lésbicas que aparecem nas novelas, de forma cada vez menos estereotipada. Tudo isso tem provocado debates e discussões sobre os relacionamentos homoafetivos e os direitos dos homossexuais, na sociedade como um todo.

Mesmo com a diminuição do preconceito, do desrespeito e da falta de autoaceitação, estes mesmos pontos ainda são fatos recorrentes na vida dos homossexuais (BAZZO, 2013), causando desgaste na autoimagem do indivíduo. Este assunto está diretamente ligado à autoestima, tornando-se necessária a diferenciação entre esses dois conceitos.

Mosquera (2006) diferencia a autoimagem da autoestima ao considerar a primeira como o “[...] (re)conhecimento que fazemos de nós mesmos, como sentimos nossas potencialidades, sentimentos, atitudes e ideias [...]”, e a segunda como o “[...] quanto gostamos de nós mesmos, nos apreciamos [...]”. (p. 84)

Mosquera (2006, p. 85) destaca que:

Ao possuir melhor (mais real) e coerentes autoimagem e autoestima, temos a tendência a gostar mais dos outros seres humanos, somos mais afetuosos e tentaremos trabalhar ou mesmo cuidar muito mais de aspectos que considerarmos mais positivos em nós mesmas e nos outros.

Ainda de acordo com o mesmo autor, a autoimagem é uma descrição que a pessoa faz de si, a forma como ela se vê, estando esta percepção também relacionada ao modo como os outros a percebem.

França (2009, p. 26) afirma que:

Sentir-se amado, aceito e reconhecido pela família é um requisito básico para o bem-estar emocional. Decidir não se expor, no entanto, pode significar um desejo de evitar conflitos ou tensões inevitáveis, ou mesmo um cuidado com a própria sobrevivência física ou econômica, em relação à família ou à comunidade em geral. Em alguns casos, deve-se à convicção de estar evitando um sofrimento aos familiares.

A busca pela compreensão de como ocorre este processo de aceitação do jovem homossexual pelo próprio indivíduo e sua família, assim como a relação existente entre a exposição para esses grupos e a influência em sua autoimagem estão se tornando frequentes, levantando vários debates sobre o tema, e buscando fazer com que a sociedade mude seu olhar sobre esses indivíduos.

A partir do contexto apresentado, se faz o seguinte questionamento: quais são os fatores que influenciam o jovem na revelação de sua homossexualidade para a família?

A compreensão desses fatores se faz como objetivo geral da presente pesquisa, que tem como objetivos específicos investigar as percepções sobre o acolhimento do jovem homossexual pela família; compreender as consequências de revelar-se homossexual na relação jovem/família; investigar as consequências de revelar-se homossexual no comportamento do jovem e, investigar como a história sócio familiar influencia na decisão do jovem revelar-se homossexual.

De acordo com França (2009, p. 24), “podemos supor que todo homossexual assumido teve que enfrentar sua própria homofobia internalizada de alguma forma.” A autora afirma também que “para desenvolver um vínculo amoroso com alguém do mesmo sexo é imprescindível adquirir algum nível de auto aceitação”.

Com o processo de auto aceitação estabelecido, surgem outras variáveis, como o preconceito da família, que pode desestruturar todo esse trabalho e diminuir sua autoestima, podendo levar o indivíduo a ter comportamentos prejudiciais para si, como o uso abusivos de bebidas alcoólicas e até mesmo drogas ilícitas, assim como um comportamento sexual desenfreado, colocando-se em risco de adquirir e disseminar doenças sexualmente transmissíveis (DST's), tornando-se mais vulnerável (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Ainda que haja um crescente interesse por temas ligados a homossexualidade e as relações que a permeiam, fazem-se fundamentais produções científicas no campo da Psicologia para a compreensão e aprofundamento desta temática, pois mesmo com produções investigando a homossexualidade, o campo ainda carece de pesquisas envolvendo a família do indivíduo homossexual, o que torna essa pesquisa relevante.

Assim o presente estudo justifica-se por meio da reflexão de como se dão as experiências homossexuais, sobre essa “condição de ser” imposta pela sociedade e das transformações ocorridas ao longo da história, gerando assim uma discussão sobre a necessidade de se entender o indivíduo homossexual e como ocorre o processo de acolhimento familiar perante a sua exposição para a mesma, para assim esclarecer suas causas e verificar as possíveis consequências que este processo pode causar no sujeito e em sua relação com a família.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a obtenção dos objetivos propostos, foram usadas fundamentações teóricas baseadas nas reflexões de autores que discutem sobre identidade, juventude, gênero, sexualidade, preconceito, discriminação e família. Foram abordados também conceitos baseados em uma revisão bibliográfica envolvendo uma análise de livros, textos e artigos.

2.1 IDENTIDADE

O conceito de identidade, como muitos outros em Psicologia, possui várias compreensões, utilizando também contribuições de outras áreas do conhecimento. O estudo desse conceito na psicologia social apresenta definições que passam por concepções dialéticas e dicotômicas, associando-se a transformação e permanência, exclusão e inclusão, indivíduo e sociedade, igual e diferente, entre outros binômios que buscam expressar o que é identidade (SAWAIA, 2012; CIAMPA, 2001).

Esta relação pode ser constatada em Jacques (2010, p. 163), que se refere à identidade “como determinada e determinante ao mesmo tempo, pois o indivíduo tem um papel ativo quer na construção deste contexto a partir de sua inserção, quer na sua apropriação”. Ao relatar como a identidade é conceituada, a mesma autora revela que são empregadas expressões como “imagem, representação e conceito de si (...) conjunto de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio” (Idem, p. 162).

Sob a perspectiva de Sawaia (2012), é preciso analisar a identidade a partir da dicotomia exclusão/inclusão, definindo a mesma como a representação e construção do sujeito, que nesta construção se torna único. A utilização da identidade é tida como uma referência de liberdade e cidadania nas relações interpessoais e intergrupais.

Sob o olhar de Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 187), identidade é:

[...] denominação dada às representações (ideias e sentimentos) que o indivíduo desenvolve a respeito de si próprio, a partir do conjunto de suas vivências. A identidade é a síntese pessoal sobre o si-mesmo, incluindo

dados pessoais (cor, sexo, idade), biografia (trajetória pessoal), atributos que os outros lhe conferem, permitindo uma representação a respeito de si.

Ciampa (2004) afirma que identidade “é movimento, é desenvolvimento do concreto, é metamorfose. [...] É ser um e outro para que cheguemos a ser um só, numa constante transformação” (p. 74). Já sob a visão de Brandão (1986), a identidade é a explicação de um sentimento pessoal, de ter a consciência de um eu, tendo consciência de sua realidade, tornando o sujeito único perante outros ‘eus’.

A partir disso, a forma de cada indivíduo se relacionar com os outros são características aprendidas nas relações grupais, seja entre amigos ou familiares, onde os papéis exercidos são diferentes. Nessa diferença é onde o sujeito se descobre diferente dos outros, enxergando a sua volta que as outras pessoas também se tornaram diferentes, passando a ter características próprias nas relações sociais, descobrindo a sua identidade social (LANE, 2006).

Ao assumir a sua identidade social, que é um conjunto de características formadas através de decisões, comportamentos e traços de personalidade nas relações sociais, o indivíduo pode apenas reproduzir o que os grupos aos quais está inserido esperam. Entretanto, se houver um questionamento do quanto a história de vida é determinada pelos fatores históricos do grupo, pelos papéis ali representados, o indivíduo pode encontrar motivos do porque a sociedade e o seu grupo social agem de tal forma. Desta forma ele estará desenvolvendo a sua consciência, entendendo que a mesma pode modificar sua identidade social dentro dos grupos que o define, vindo a ser agente de mudanças sociais. Porém esse processo não é fácil devido aos papéis cristalizados dentro dos grupos e mantidos pelos indivíduos ali inseridos e para isso é preciso entender que a linguagem, pensamento e a visão de mundo são essenciais para a construção das relações sociais (LANE, 2006).

A partir disso, pode-se concluir que a identidade é um processo de construção permanente, um processo contínuo de transformação e é isso que dá o ponto de partida da vida de cada um. Porém este processo pode ocorrer de modo intenso, confuso, vindo a ser angustiante e doloroso. Por isso entende-se em crise de identidade. São momentos, períodos importantíssimos da vida de uma pessoa em que ela procura, com maior ou menor grau de consciência dessa crise, redefinir seu modo de ser e estar no mundo, sua identidade: para si e para os outros (BOCK; FURTADO, TEIXEIRA, 2008).

2.2 JUVENTUDE

A partir disso o indivíduo faz o seguinte questionamento: “quem sou eu?”, levantando várias questões sobre sua identidade. A crise de identidade ocorre com mais frequência na adolescência, devido à mesma ser uma fase de grandes transformações, quanto físicas como psicológicas. Porém esse “período de confusão” pode ocorrer na transição da adolescência para a vida adulta, no início da juventude (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Braghirolli, Pereira e Rizzon (2000, p. 106) apontam que:

[...] o desenvolvimento humano se dá ao longo do processo vital. Mesmo com o advento da juventude e da maturidade, ocorrem profundas modificações, novas modalidades de funcionamento psíquico, que tem características particulares na adolescência, passam pela vida adulta e chegam à velhice com interações peculiares com o meio. E a cada nova etapa, a cada novo momento do processo evolutivo, surgem novas exigências tanto por parte do ser em desenvolvimento como por parte do meio. Tais estímulos e necessidades, que assumem características distintas em cada estágio, constituem-se [...] em crises [...] que se referem não à iminência de catástrofes, mas a momentos cruciais e decisivos que podem acarretar maior fragilidade e vulnerabilidade.

Abramo (2005) pontua que a atual definição de juventude a indica como uma fase de moratória, a qual se entende como uma fase de espera do jovem para testar os principais fundamentos de algo que considere como verdade. Pontua também que esta fase não é um período de interrupção dos deveres e direitos do jovem, tanto na reprodução, produção e participação, mas sim como uma chance para que o mesmo possa experimentar vivências diferentes em campos variados como sexualidade e educação, adquirindo assim um maior compromisso com suas tarefas.

Erikson (1987) afirma que a força do ego no jovem surge da confirmação entre indivíduo e sociedade, onde a comunidade dá o devido reconhecimento ao jovem pelo mesmo ser fonte de novas energias.

Braghirolli, Pereira e Rizzon (2000) apontam que a concretização da identidade própria do jovem é uma herança positiva da crise que tipicamente acomete o estágio anterior, a adolescência, e que a mesma é de suma importância para a entrada no novo estágio, a juventude.

Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 303) afirmam:

Essa fase de preparação para o mundo adulto [...] coloca o jovem em certo estado de “suspensão” em relação aos valores e às normas que ele deve

adquirir para entrar no mundo adulto. O jovem até agora avaliou o mundo por meio dos valores da sua família, mas, ao confrontá-los com valores e as normas dos novos grupos que passa a frequentar, verifica que os valores familiares não são os únicos disponíveis e que, muitas vezes, não se adaptam a funções que são agora exigidas.

Essa fase de preparação pode ter uma duração diferente dependendo do setor social (classe média, baixa ou alta) no qual o indivíduo está inserido, criando assim um correspondente psicológico. Os jovens de classe média podem passar por um longo período de preparação, na escolha de um curso para a universidade e decisão de uma profissão; os jovens de classe baixa podem somente buscar uma capacitação básica e rápida para conseguirem algum emprego, independente da área de desejo de atuação, pois as necessidades próprias e as necessidades familiares podem ter muita influência sobre suas decisões; jovens de classe média alta podem se dar ao luxo de ter suas necessidades atendidas sem fazer muito esforço, na maioria das vezes. Alguns jovens começam a trabalhar cedo, abandonando a escola ou curso, outros demoram a tomar algum rumo na vida. Essas concepções acerca das características da juventude reafirmam que a sua definição está intimamente ligada ao campo cultural e social no qual o indivíduo está inserido (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Com tantas transformações físicas e várias descobertas sobre si e sobre seus deveres e direitos, o indivíduo pode ter muitos questionamentos, inclusive em relação a sua identidade de gênero e sua orientação sexual.

2.3 IDENTIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE

A identidade de gênero refere-se à consciência de um indivíduo de ser homem ou mulher. A noção de gênero é entendida aqui como relações estabelecidas a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos (VAL et al., 2010). A sexualidade é perpassada por aqueles esquemas de classificação, fundados na oposição e hierarquização entre masculino/feminino, a partir da oposição entre ativo/passivo, o que estabelece uma ligação entre sexualidade e dominação (ANJOS, 2000).

A oposição ativo/passivo traz consigo a heterossexualidade como norma, e classifica homens e mulheres segundo a "natureza". Neste sentido, a homossexualidade

alteraria a norma, a partir da ocupação, de uma posição inferior, de dominada (BOURDIEU, 1999).

A partir da inversão da ordem causada por uma relação homossexual, os homossexuais se tornam invisíveis e estigmatizados socialmente. De acordo com Goffman (1988, p.108) o estigma se refere ao “conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo "menor" socialmente”.

Em complemento, Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 214) afirmam que o estigma “revela que a sociedade tem dificuldade em lidar com o diferente e que essa dificuldade é perpetuada ao longo das gerações, pela educação familiar, pela escola, pelos meios de comunicação e por nosso cotidiano”.

Os mesmos autores destacam que um aspecto bastante importante desse processo, que pode envolver o indivíduo e acompanha-lo desde seu nascimento ou ser adquirido ao longo da vida, é o atributo negativo que pode ser internalizado pelo mesmo e influenciar de forma decisiva na sua autoimagem e autoestima.

Através de seus conceitos, Vigotski nos leva a pensar na importância das relações sociais no processo de compreensão de como o homem se constrói e é construído através da cultura e da história, pois o mesmo é um ser social cheio de relações sociais incluídas em si (CRUZ, 2013; VIGOTSKI, 1999).

Dessa forma, em uma perspectiva sócio histórica, o desenvolvimento humano está ligado a fatores culturais e biológicos, constituindo assim uma única história. A partir disso podemos dizer que o desenvolvimento humano traduz o grande processo de transformação que o homem provoca na natureza e provoca nele mesmo por fazer parte desta natureza. Por isso, o desenvolvimento humano não acontece de maneira direta, passa por vários obstáculos até alcançar um nível superior, deixando de ser natural para ser cultural. Porém essa relação não depende necessariamente da existência física de outro sujeito, pois os comportamentos e ações são internalizados e incorporados a partir do ambiente em que vivemos (CRUZ, 2013; VIGOTSKI, 1999).

Vigotski (1999) tem como uma de suas pressuposições a ideia de que o ser humano se constitui como tal na relação com o outro indivíduo social. Nesse sentido, aponta para o desenvolvimento da identidade do sujeito a partir dos processos de mediação

social. Para o autor, mediação é um processo de compreensão dos objetos feito através de recortes do real, controlados pelos sistemas simbólicos existentes que se intercalam entre sujeito e objeto.

O ser humano também se apropria da cultura do meio onde vive através da significação, onde o outro indivíduo lhe dá, por meio da linguagem (como mediadora social), a internalização dos conteúdos, fazendo com que ocorra nas relações sociais o seu desenvolvimento, assim como a sua estruturação como sujeito individual e cultural. Entretanto a linguagem como mediadora social deve ser utilizada articuladamente com o pensamento, pois se não forem utilizadas em conjunto, a palavra se torna algo sem sentido, morto (VIGOTSKI, 1999).

A combinação entre linguagem e pensamento proporciona ao ser humano direcionar suas ações, porque através disso as práticas humanas se tornam conscientes e intencionais, tendo orientação e servindo como instrumento de comunicação interna do próprio indivíduo. A linguagem como mediadora das relações sociais se caracteriza como o resultado da interação entre as pessoas, pois elas ganham sentido a partir dessas interações que ocorrem no contexto histórico e cultural no qual o indivíduo está inserido (VIGOTSKI, 1996).

Assim, ao se conceber e internalizar uma ideia estigmatizada a respeito da homossexualidade é possível que o sujeito tenha um comportamento preconceituoso com relação ao sujeito homossexual.

Segundo Val et al. (2010), a orientação sexual relaciona-se com a atração erótica, podendo ser heterossexual, homossexual, bissexual ou assexual. De acordo com Rios (2001), a orientação sexual pode ser entendida como a identidade atribuída a um indivíduo em função de seu desejo e conduta sexuais, seja para com outra pessoa do mesmo gênero (homossexualidade), de gênero diferente (heterossexualidade), para pessoas de ambos os gêneros (bissexualidade) ou não ter atração sexual por nenhum dos gêneros (assexualidade). No presente estudo será dado destaque a homossexualidade.

2.4 HOMOSSEXUALIDADE: DEFINIÇÃO E HISTÓRIA

Segundo Vidal (1998), podemos entender homossexualidade como uma condição humana no âmbito da sexualidade que é caracterizada pela particularidade de que o indivíduo sente-se atraído por pessoas do mesmo sexo.

De acordo com Suplicy (1991, p. 268):

O homossexual é um indivíduo, homem ou mulher, que tem preferência erótica por membros do mesmo sexo. O homossexual não faz essa escolha. Nunca ouvi alguém dizer: “sábado vou virar homossexual”. A homossexualidade é parte da personalidade do indivíduo, cresce e se desenvolve com ele, sendo ou não assumida ou expressa abertamente.

A homossexualidade, desde os tempos mais remotos, era um assunto que não podia ser tratado em público por ferir “a moral e os bons costumes”. Suplicy (1991) faz um apanhado histórico, pontuando que “entre os egípcios, assírios e hebreus a homossexualidade era proibida por lei. [...] em Roma desprezavam a homossexualidade [...] na Grécia Antiga a homossexualidade até era aceita” (p. 282). A mesma autora pontua também que na era cristã os atos que não levassem a concepção seriam pecaminosos e que alguns países criaram leis permitindo a confiscação dos bens dos homossexuais, assim como pena de morte por tal crime.

Para os gregos antigos as relações sexuais eram estruturadas pela dicotomia dominação/subordinação e essa relação presumia a hierarquia estabelecida na sociedade. Nesta mesma linha de raciocínio, o homem era sempre o foco, criador da lei e da ordem e a mulher tinha como função viver em prol do homem, cuidar dos filhos e administrar a casa, sendo associada somente ao desejo, tendo um papel inferior na sociedade, a qual não aceitavam totalmente as relações homossexuais (MOITA, 2001).

Um fato marcante para a história da homossexualidade foi a invasão pela polícia, em junho de 1969, ao bar Stonewall, frequentado por homossexuais, os quais reagiram, criando grande impacto na imprensa e provocando uma das primeiras grandes manifestações públicas contra a pressão e discriminação a que são submetidos. (SUPLICY, 1991)

Segundo Lima (2012, p. 4),

Em junho de 1970, as primeiras marchas do orgulho gay aconteceram em Los Angeles, São Francisco, Chicago e Nova York. Uma das principais vitórias aconteceu em 1970, quando o cofundador dos Panteras Negras, Huey Newton, expressou publicamente seu apoio ao movimento pró-gay - era a primeira vez que um movimento ativista majoritariamente heterossexual fazia isso. Os homossexuais comemoraram ainda mais

quando, em 1973, a Associação de Psiquiatria Americana desclassificou a homossexualidade como patologia.

De acordo com Facchini (2003), o movimento homossexual surgiu no Brasil em meados dos anos 70 e tem como finalidade (política ou não), reunir indivíduos que se identificam com qualquer uma das identidades sexuais abordadas por esse movimento. O mesmo autor pontua que o movimento homossexual é compreendido “como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual” (Idem, p. 84).

A associação da homossexualidade com a doença exerceu sua função por volta do século XIX, mas a partir do século XVIII, a perseguição aos homossexuais passou a ser mais agressiva, tendo como causa especificamente o sexo do parceiro e as características comportamentais socialmente dadas ao sexo oposto. Porém estudos feitos em diversas áreas, como história, antropologia, sociologia e medicina, descartaram qualquer relação da homossexualidade com doença e afirmaram que não existe sentido nenhum nessa combinação (MOITA, 2001).

Por um longo período a homossexualidade foi considerada uma patologia, crime e até mesmo pecado, e com essas crenças os indivíduos homossexuais sofriam penas severas. Atualmente a sociedade está mudando gradualmente sua posição, tendo uma visão diferente sobre esses indivíduos. Porém, o homossexual ainda é estereotipado, sendo chamado de “bichinha”, “boiola” ou outros adjetivos com sentido pejorativo. Esta classificação limita o homossexual como ser humano, colocando-o dentro de um estereótipo, esquecendo-se de que ele é humano, e pode ser alto, baixo, gordo, magro, forte, fraco, bonito, feio, extrovertido, introvertido, enfim, ter qualidades e defeitos (SUPLICY, 1991).

Silva (2000, p. 3) pontua que:

Também há de se pensar que enquanto não nos libertarmos de conceitos tautológicos e reducionistas, como identidades de gênero (masculinidade e feminilidade) ou identidades sexuais (heterossexualidade, bissexualidade, homossexualidade), ou seja, enquanto não aprendermos a respeitar as nossas singularidades, construídas através da diversidade histórica, social e cultural em que vivemos, enquanto não nos respeitarmos enquanto sujeitos, não conseguiremos respeitar também nossas construções singulares e identitárias, indiferente se sejamos homens ou mulheres, independente das nossas particularidades anatômicas, independente dos nossos desejos afetivos e sexuais, independente, até mesmo, do papel social que exercemos no nosso dia a dia.

Vidal (1998, p. 109) afirma que “a homossexualidade não é só um fenômeno sexual, mas a condição antropológica de um ser pessoal; [...] é antes de tudo, um ser humano com uma condição e um destino perfeitamente humanizáveis e humanizantes”.

A partir dessa premissa, é preciso reconhecer que a homossexualidade não tem uma explicação totalmente satisfatória para todos e que não são conhecidos os fatores biológicos, psicológicos, históricos ou estatísticos que possam defini-la claramente. A homossexualidade não deve ser tratada como um desvio ou inversão, do mesmo modo que a heterossexualidade não é tratada dessa forma, mas como uma orientação que está voltada para indivíduos do mesmo sexo (VIDAL, 1998).

2.5 PRECONCEITO, ESTEREÓTIPO E DISCRIMINAÇÃO

Esse tema por muito tempo não teve nenhum tipo de pesquisa, mas no fim do século passado a questão começou a ser debatida, sob argumentos científicos para que a humanidade pudesse ter algum benefício, em busca da mudança de pensamentos e atitudes preconceituosas da sociedade.

Mesmo com vários movimentos em prol dos homossexuais, muitos jovens ainda hesitam antes de assumirem a sua orientação sexual devido aos estereótipos e preconceito existentes. Correlacionando esses conceitos, conclui-se que os estereótipos, que são as crenças sobre características pessoais que atribuímos a indivíduos ou grupos, são a base do preconceito (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 1999).

De acordo com Jodelet (2012, p. 61), preconceito é:

Um julgamento positivo ou negativo, formulado sem exame prévio a propósito de uma pessoa ou de uma coisa e que, assim, compreende vieses e esferas específicas. Disposto na classe das atitudes, o preconceito comporta uma dimensão cognitiva, especificada em seus conteúdos [...] e sua forma [...] uma dimensão afetiva ligada a emoções e valores engajados na interação com o alvo.

Em sua essência, o preconceito é uma atitude, pois uma pessoa preconceituosa pode desgostar de pessoas de certos grupos e se comportar de maneira ofensiva com eles, baseando-se em uma crença a qual possuem características negativas (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 1999).

A partir da visão do meio social e dos outros, o indivíduo organiza essas informações, relacionando-as com afetos e desenvolvendo uma inclinação para agir favorável ou desfavoravelmente, relacionando isto às pessoas e aos objetos presentes neste meio. Essas inclinações são chamadas de atitudes e contém com forte carga afetiva que tendem o indivíduo para determinada ação (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Tecnicamente, o preconceito pode ser positivo ou negativo, mas no caso dos jovens homossexuais, o lado negativo tem um peso maior, o que acaba gerando a discriminação.

Rodrigues, Assmar e Jablonski (1999) afirmam que discriminação são sentimentos hostis aliados a crenças estereotipadas que se desenvolvem em uma relação que variam de um tratamento “diferente” a expressões verbais de desprezo, podendo até surgir atos de agressividade.

Sob a visão de Rios (2007), discriminação é a concretização, no âmbito das relações sociais, de atitudes arbitrárias relacionadas ao preconceito, que podem vir a produzir a violação dos direitos do indivíduo ou grupo.

O mesmo autor afirma que:

O estudo do preconceito e da discriminação passa a ser um tema mais estudado a partir da II Guerra Mundial e se inicia pelas formas de manifestação do antissemitismo, do racismo e do sexismo. [...] Somente nos últimos anos o preconceito e a discriminação voltados para expressões da sexualidade passaram a merecer atenção (p. 30).

Além disso, existem alguns fatores que atuam como obstáculos no combate à discriminação. Rios (2007, p. 32) aponta que:

[...] diversamente das outras formas de discriminação [antissemitismo, racismo e sexismo], pesa sobre a homossexualidade uma condenação moral, uma inaceitabilidade social e política e uma atribuição de relação entre homossexualidade e doença. [...] a homossexualidade tende a afrontar de uma forma mais radical e incômoda as instituições e valores da sociedade.

Medeiros (2007) afirma que a discriminação relacionada a pessoas homossexuais pode ser comparada à discriminação contra outras pessoas, como negros, mulheres, velhos e deficientes, assim como não católicos e etc. Portanto, contra as pessoas que não se encaixam no padrão cobrado e exercido pela sociedade.

Em outros pontos relacionados aos homossexuais, que diferenciam a discriminação sofrida por eles da discriminação racial é que quando ocorrem manifestações que

envolvem a discriminação a um negro, percebe-se a existência de uma solidariedade vinda do meio familiar, o que não existe, predominantemente, nos casos com os homossexuais (MEDEIROS, 2007).

O mesmo autor também afirma que em relação aos negros "os problemas, as dúvidas, os medos e as rejeições podem ser expostos e vão encontrar, se não a solução, ao menos o conforto do pertencimento" (Idem, p. 82). Porém, em contrapartida, afirma que quando "alguém se vê como homossexual, não vê ao seu lado, na grande maioria das vezes, ninguém 'igual' a ele" (Idem, p. 82).

Com esse incômodo causado as instituições e valores da sociedade, o indivíduo homossexual sofre preconceito e discriminação em várias áreas de sua vida, como por exemplo, no campo de trabalho.

Medeiros (2007) enfatiza que nos três espaços sociais de desenvolvimento da vida, familiar, social e profissional, é no profissional onde a discriminação contra os indivíduos homossexuais é mais evidente.

Desde cedo o homossexual incorpora em suas práticas cotidianas a atitude de se calar em relação a sua sexualidade para ser aceito na sociedade e ser excluído do rol de pessoas que são objeto de comentários e xingamentos. Desta forma, o calar-se no âmbito doméstico passa a ser estendido para o nível público (MEDEIROS, 2007, p. 83).

Ao falar de discriminação, subentende-se nesse contexto a exclusão. Veras (2012) pontua que o conceito de exclusão é algo amplo, que acolhe vários significados que são utilizados para juntar pessoas e/ou grupos que acabam sendo abandonados, e desqualificados, tanto do mercado de trabalho como das políticas sociais.

Segundo Xiberras (1996, apud Freitas, 2011), o excluído seria aquele que é resignado dos espaços sociais, dos denominados mercados materiais e simbólicos, sendo excluído assim dos valores da sociedade.

2.6 HOMOFOBIA

A homofobia de maneira geral pode ser descrita como uma posição discriminatória e preconceituosa com relação aos homossexuais (DINIS, 2012).

A homofobia se aproxima de outras formas de discriminação como a xenofobia, o racismo e o antissemitismo, pois consiste em considerar o outro (no caso o/a homossexual e transgêneros) como desigual, inferior, anormal. Além disso, como qualquer outra forma de intolerância, a

homofobia se articula em torno de emoções, condutas e dispositivos ideológicos e institucionais, configurando-se como um instrumento que cria e reproduz um sistema de diferenças para justificar a exclusão e a dominação de uns sobre outros (PERUCCHI; BRANDAO; VIEIRA, 2014, p. 68).

De acordo com Borrillo (2010), a homofobia se constrói em uma violência de duplo sentido, que pode atingir o físico, afetando o corpo do sujeito (que em casos mais graves pode resultar em homicídio) e pode afetar o não físico, se constituindo de uma forma simbólica e caracterizada por ofensas, exclusão, etc. O mesmo autor pontua que o termo toma duas dimensões, “uma pessoal, de caráter afetivo, manifestada através da rejeição dos homossexuais; e outra cultural, na qual se repudia a homossexualidade como fenômeno social” (Idem, p. 26).

Com a presença da homofobia, muitos homossexuais se fecham, se “escondem”, prejudicando assim suas relações sociais, devido ao medo de represália por sua orientação sexual, afetando conseqüentemente suas relações amorosas.

O termo homoafetividade ainda não consta nos dicionários, mas se constitui como um termo bem atual. De modo geral, relações homoafetivas são relações entre pessoas do mesmo sexo. Porém, essas relações ainda não são muito bem aceitas pela sociedade, devido ao grande preconceito existente, e até mesmo pela justiça.

Em contra partida, com o crescimento dos movimentos de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais (GLBT), a pressão sobre as autoridades aumentou no âmbito da união estável entre pessoas do mesmo sexo. Devido a isso, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) estabeleceu a Resolução n. 175, de 14 de maio de 2013, aprovada durante a 169ª Sessão Plenária, em que os cartórios de todo o Brasil não poderão recusar a celebração de casamentos civis de casais do mesmo sexo ou deixar de converter em casamento a união estável homoafetiva (BRASIL, 2013).

Art. 1º É vedada às autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo.

Art. 2º A recusa prevista no artigo 1º implicará a imediata comunicação ao respectivo juiz corregedor para as providências cabíveis (BRASIL, 2013, p. 2).

Obter o direito a união estável foi uma vitória significativa aos homossexuais, porém o preconceito, o estigma e a discriminação são problemas recorrentes na vida dos mesmos.

Lasso (1998, p. 67) afirma que:

A consciência homossexual costuma aflorar, em muitos casos, muito cedo, isto é, logo durante os primeiros anos da adolescência. Costuma iniciar-se com uma sensação de sentir-se distinto, amiúde com uma mescla de culpabilidade, de medo em relação ao que sobrevirá. O problema nasce do fato de o homossexual saber o que os seus pais, os amigos, o mundo dos adultos pensam dos homossexuais e teme ser um deles.

França (2009) pontua que um dos maiores e mais doloridos problemas relacionados à homofobia refere-se à não-aceitação da própria família, cogitando assim a possibilidade de rejeição, mas não por algo que o indivíduo possa ter feito, mas por um fato existencial.

Com todo esse peso sobre sua orientação sexual, muitos jovens chegam a pensar que estão doentes ou que estão cometendo pecado. Desse modo, acabam se isolando e enfrentando a própria homofobia, internalizando-a. Por muitas vezes não ter o apoio da família, dos amigos, ou qualquer outro grupo o qual está inserido, pode fazer com que o jovem chegue a consequências drásticas como o suicídio. Neste momento é de extrema importância o apoio da família.

2.7 FAMÍLIA

Segundo Laing (1971, p. 13), família é “[...] uma estrutura de pessoas que vivem juntas por certo período de tempo, e se encontram ligadas por laços de matrimônio ou parentesco”.

De acordo com o art. 227 da Constituição Federal de 1988 e a Lei nº 8.069, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a família é responsável por criar, cuidar, educar, proteger e garantir o desenvolvimento de suas crianças. Para isso, deve ter o apoio da comunidade e do governo.

Biroli (2014, p. 7) pontua que:

A noção de família pode estar profundamente ligada a afetos e sentimentos, de diferentes tipos. As experiências que temos das relações familiares são singulares, íntimas e fundamentais para percepção de quem somos, isto é, para as nossas identidades. Mas falar em família é falar de uma realidade social e institucional, profundamente política tanto nos fatores que a condicionam quanto em seus desdobramentos.

Reis (2004) afirma que não se pode negar a importância da família em seus vários níveis, como nas relações sociais, como na vida emocional de seus membros. Afirma também que a família é a mediadora da relação do indivíduo com a

sociedade, que o mesmo aprender a ver e se situar no mundo através dela, pois a mesma é formadora da primeira identidade social do sujeito.

Sawin-Williams (2004, apud França, 2009, p. 25) afirma:

A revelação da homossexualidade de um filho é extremamente perturbador para um sistema familiar heterossexual. O estresse é particularmente crítico quando a família pensava que realmente conhecia intimamente aquele filho (ou irmão) e produz reações de crise que afetam o equilíbrio familiar de todos os envolvidos. Os pais normalmente reagem com choque, raiva e sentimentos de culpa, mas também podem demonstrar negação ou vergonha. Irmãos em geral respondem com raiva e confusão e podem desenvolver um distanciamento afetivo em relação ao irmão gay ou lésbica. Nos piores casos, o/a jovem pode concretamente passar a "viver com o inimigo", correndo o risco de sofrer abuso físico ou verbal, ou mesmo de ser expulso de casa.

Mesmo com várias dificuldades de acolhimento, a família continua sendo o alicerce do jovem que quer viver uma vida digna com a aceitação de sua orientação sexual, sendo assim também deve contar com a família para ter o mínimo de dignidade num mundo ainda preconceituoso, que pode muitas vezes não aceitar o homossexual se esquecendo do ser humano que existe dentro dele.

Segundo Cechinatto (2013), esta mesma família pode ter dificuldades em proporcionar a esse filho homossexual uma sensação de acolhimento que tradicionalmente essa instituição deveria gerar.

Os estudos de Soliva e Silva Junior (2014) constata as tensões entre o jovem e a família frente à descoberta da homossexualidade. Os mesmos autores pontuam que são grandes as experiências frustradas na relação do jovem homossexual e sua família, o que dificulta a decisão do jovem em revelar-se.

Essas atitudes podem ocorrer por conta da tradição familiar, pela cultura que está imbuída em cada pessoa e por influências externas. A dinâmica dessa família é o que pode gerar uma maior proximidade ou um distanciamento principalmente no que se refere à descoberta de um filho homossexual (CECHINATTO, 2013).

O ato de esconder a orientação sexual vai se tornando, com o passar do tempo, uma tarefa árdua. Perante essas circunstâncias, alguns jovens escolhem revelar aos pais o temido "segredo", e essa revelação vem acompanhada, geralmente, de muita tensão, deixando a relação família/jovem suscetível a rompimento de laços (SOLIVA E SILVA JUNIOR, 2014).

Os homossexuais não escolheram por acaso “ser algo” que os deixam, muitas vezes, expostos à rejeição da família. A partir desta “decisão”, são frequentes as indagações em relação à aceitação dos pais, fazendo com que o jovem demore em assumir sua orientação por medo das possíveis consequências que podem acontecer no âmbito familiar.

Palma e Levandowski (2008) pontuam que os pais passam por fases no processo de aceitação da homossexualidade dos filhos, e afirmam que a fase final de aceitação, após superarem o “luto” da perda da heterossexualidade de seu filho(a), é a aceitação completa, na qual os pais aceitam seus filhos como eles realmente são.

Segundo Heatherington & Lavner (2008, apud Campos e Garcia, 2014, p. 2):

[...] a maior parte dos estudos realizados sobre esse tema focam sobre as reações iniciais dos pais, a partir do momento em que os filhos anunciam para os mesmos sua homossexualidade e os fatores que os levam a tomar a decisão de contar para os pais. Poucos são os estudos que tratam sobre como a família se ajusta ao filho homossexual.

Campos e Garcia (2014) pontuam que quando o homossexual é aceito por sua família, o mesmo recebe mais apoio e se torna mais forte, tendo assim uma base para enfrentar o preconceito e todos os desafios que poderão surgir, buscando o seu lugar de respeito perante a sociedade.

Com toda essa discussão, é possível a compreensão de que a temática da homossexualidade poderá deixar de ser um problema oculto, no qual persistia um grande tabu, para se tornar um tema sobre o qual existe uma reflexão, que gera polêmica e ao mesmo tempo um aprofundamento, visando assim a busca de uma sociedade mais igualitária (GAFO, 1998).

3 METODOLOGIA

A metodologia tem lugar central, pois é através desta que a pesquisa se legitima e efetiva como uma pesquisa científica. Gil (2008) fala que método pode ser definido “como um caminho para se chegar a determinado fim” (p. 8). Além de ser uma teoria que nos ensina o que é o método, a metodologia direciona as etapas que devemos seguir para alcançar o objetivo pesquisado.

O presente capítulo aborda as questões metodológicas desenvolvidas nesta pesquisa, dividido em seis partes. Em sua primeira divisão está descrito o delineamento da pesquisa; na segunda apresentou-se a descrição dos sujeitos que participaram da pesquisa e do local onde ocorreu o estudo; na terceira foi apresentado o procedimento de coleta de dados, a forma como as entrevistas foram realizadas; na quarta foram apresentados os instrumentos de coleta de dados; na quinta apresentaram-se os aspectos éticos da pesquisa e na sexta foram apresentadas a análise e interpretação dos dados coletados.

3.1 DELINEAMENTO

De acordo com Gil (2008) pode-se definir pesquisa como “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico” (p. 26). O mesmo autor pontua que o principal objetivo da pesquisa é obter respostas para o problema proposto com a utilização de procedimentos científicos. A partir desses conceitos, pode-se então definir pesquisa social como o processo que utiliza a metodologia científica para permitir a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social (GIL, 2008).

Realidade social é entendida aqui em sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais. Assim, o conceito de pesquisa [...] aplica-se às investigações realizadas no âmbito das mais diversas ciências sociais, incluindo Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Psicologia, Economia etc. (GIL, 2008, p. 26).

Cada pesquisa social tem um objetivo específico, e o tipo de pesquisa do presente estudo será a pesquisa qualitativa, exploratória e de campo.

Godoy (1995) pontua que através da perspectiva qualitativa, o fenômeno pode ser melhor entendido no contexto no qual ocorre e no qual faz parte, sendo analisado de

uma forma integrada. Para isso o pesquisador vai a campo com o objetivo de buscar a captação do fenômeno estudado a partir do ponto de vista dos indivíduos envolvidos, considerando todos os pontos relevantes. Esses dados são coletados e analisados com a finalidade de se entender o fenômeno, podendo partir de questões amplas que vão se afinando durante a pesquisa (GODOY, 1995).

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada também como a tentativa de um entendimento detalhado dos significados e características dos entrevistados ao invés da produção de medidas quantitativas dessas características ou comportamentos apresentados (RICHARDSON, 2011).

Martinelli (1999) pontua que a pesquisa qualitativa tem como objetivo emergir os pensamentos dos participantes sobre o que está sendo pesquisado, fazendo com que não prevaleça a visão do pesquisado em relação ao problema.

As pesquisas exploratórias têm como principal fim a modificação, o esclarecimento e o desenvolvimento dos conceitos e ideias, visando à formulação de problemas mais específicos e hipóteses pesquisáveis para estudos futuros. Dos mais variados tipos de pesquisa, a pesquisa exploratória é que leva menor rigidez em seu planejamento, utilizando recursos como levantamento bibliográfico, documentos, entrevistas semiestruturadas e até mesmo estudos de caso (GIL, 2008).

Gil (2008) afirma que as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com a função de gerar uma visão geral em torno de determinado assunto. O mesmo autor também afirma que a mesma pesquisa é feita quando o tema em questão é pouco explorado, tornando-se difícil sua contextualização e formulação de hipóteses precisas.

De acordo com Gil (2008), na maioria das vezes as pesquisas exploratórias se classificam como a primeira fase de uma investigação mais ampla e quando o tema escolhido é genérico, tornando-se necessários seu esclarecimento e delimitação, é exigida a revisão da literatura, discussão com especialistas e outras ações. Segundo Gil (2008, p. 27), “o produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados”.

A coleta de dados nesse tipo de pesquisa pode ocorrer de várias maneiras, mas segundo Gil (2010, p. 27) “[...] envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o assunto e análise de exemplos que estimulam a compreensão.”.

Segundo Gonsalves (2001, citado por Piana, 2009), a pesquisa de campo é um tipo de pesquisa que busca a informação diretamente com os participantes, fazendo com que seja necessário um contato direto, no qual é preciso que o mesmo vá ao local onde ocorre o fenômeno ou reúna informações primordiais para documentação sobre o fenômeno.

Os estudos de campo buscam se aprofundar nas questões propostas do que nas características de uma população segundo determinadas variáveis, tendo como um ponto importante uma maior flexibilidade, onde os objetivos da pesquisa podem ser reformulados ao longo do processo da mesma. Outra característica do estudo de campo é que neste tipo de pesquisa a análise da estrutura da comunidade em pauta é ressaltada, dando destaque a interação dos componentes da mesma (GIL, 2008).

A escolha da pesquisa qualitativa e exploratória, então, se justifica pela intenção de se estudar o fenômeno da homossexualidade de uma forma mais profunda, devido ao fato do tema abordado não ser tão explorado dessa forma, levantando dados iniciais para assim fazer uma análise e interpretação integrada de todas as informações obtidas.

3.2 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 10 (dez) jovens do sexo masculino e feminino, com idades entre 18 e 29 anos, com escolaridade nível médio e superior (completo ou incompleto), solteiros e residentes na região da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo.

O principal critério de escolha dos participantes foi ser homossexual. Residir com sua família e ser assumido para a mesma não foram critérios relevantes na pesquisa. A seleção dos participantes foi por acessibilidade, onde o pesquisador seleciona os participantes aos quais tem acesso para representar o universo que está sendo pesquisado, e por bola de neve, onde a partir de um participante, o pesquisador obtém outros (GIL, 2008).

Chegou-se a quantidade de dez jovens devido à busca por uma melhor compreensão do tema, assim como a obtenção de melhores comparações e resultados, para assim fornecer informações mais concretas ao final do presente estudo.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

O procedimento de coleta de dados se deu através do contato com os participantes por meio telefônico, momento em que foram marcadas as entrevistas. As mesmas foram aplicadas em locais reservados como na casa do participante e residência do pesquisador, com duração média de 30 (trinta) minutos. Antes da aplicação do roteiro de entrevista, o entrevistado recebeu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo assim o consentimento do pesquisado e o sigilo da sua identidade quanto às respostas da pesquisa aplicada. A mesma foi gravada e transcrita integralmente para uma melhor análise e interpretação dos dados.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

De acordo com Gil (2008), pode-se definir entrevista como “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (p. 109). A entrevista é, portanto, uma forma de interação social, uma forma de diálogo em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2008).

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação (GIL, 2008, p. 109).

Selltiz, (1967, citado por GIL, 2008) afirma que a entrevista é adequada na junção de informações sobre o que as pessoas sabem, sobre suas crenças, sobre o que esperam e desejam fazer sobre um determinado assunto, assim como as explicações dadas anteriormente sobre esse assunto.

A entrevista semiestruturada tem como principal característica questionamentos básicos, os quais têm como suporte o problema, as teorias e as hipóteses relacionadas ao tema proposto pela pesquisa e o foco principal da entrevista é colocado pelo pesquisador/investigador. A entrevista semiestruturada contribui para a descrição dos fenômenos, assim como para sua compreensão e explicação,

mantendo presente a atuação do pesquisador no processo de coleta de dados (TRIVIÑOS, 1987).

A entrevista semiestruturada tem como foco um assunto sobre o qual é construído um roteiro com perguntas principais que são complementadas por outras, mantendo uma relação com o tema, problema e hipótese proposto na pesquisa. A entrevista semiestruturada faz com que informações apareçam de maneira livre e as respostas não estão presas a um padrão (MANZINI, 2012).

O presente estudo foi realizado através da entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) como instrumento de coleta de dados, realizada com dez jovens (homens e mulheres) com idades entre 18 e 29 anos, solteiros, ensino médio e superior (completo ou incompleto) e residentes na Grande Vitória. A mesma continha temas como identidade sexual, família, preconceito e aceitação, e apresentou perguntas padrão para todos os entrevistados e perguntas distintas para quem assumiu a sua orientação sexual para a família e para quem não tinha feito a revelação, facilitando assim as respostas do entrevistado, possibilitando uma maior análise e conclusão dos dados coletados.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Os aspectos éticos da pesquisa estão relacionados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que garante a participação livre e esclarecida, o anonimato e o sigilo quanto ao uso das informações prestadas. (APÊNDICE B)

3.6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

De acordo com Gil (2008), a análise tem como objetivo organizar os dados de uma maneira que sejam encontradas respostas para os problemas investigados na pesquisa e a interpretação tem como objetivo a busca de um sentido mais amplo para as respostas, fazendo ligação com outros conhecimentos que foram adquiridos anteriormente.

No presente estudo, no qual a análise é qualitativa, realidade e o sujeito são considerados como elementos indissociáveis, levando em consideração seus traços

subjetivos e suas particularidades (GIL, 2008). Tais características não podem ser traduzidas em números quantificáveis. Com base nisso as informações obtidas foram reduzidas e simplificadas, organizadas para melhor análise e a partir disso tiveram uma conclusão e verificação com o problema proposto.

A interpretação dos dados foi feita a partir dos resultados da análise de conteúdo. Bardin (1977) afirma que “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p. 31). A mesma não se trata apenas de um instrumento, mas de uma variedade de instrumentos, que com uma exigência maior, pode se tornar um só, sendo marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação grande (BARDIN, 1977).

Berelson (1984, citado por CAMPOS, 2004) afirma que “análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa” (p. 621).

Os dados foram tratados com apoio dos pressupostos históricos sociais que buscam estudar o comportamento em interação social e a dimensão subjetiva dos fenômenos sociais (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2008). A mesma é conceituada como uma atividade científica cujo objetivo é entender a interação humana e os processos cognitivos a ela relevantes (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 1999).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a execução dos objetivos traçados nesta pesquisa foram entrevistadas 10 pessoas, sendo 8 homens e 2 mulheres, homossexuais e residentes na Grande Vitória, com variação de idade entre 18 e 29 anos. A pequena quantidade de participantes do sexo feminino justifica-se pela dificuldade em conseguir as mesmas para a pesquisa, devido à dificuldade existente das mulheres se revelarem homossexuais, assunto que será tratado em um subcapítulo específico.

Este capítulo traz as análises e discussões sobre os resultados encontrados nas entrevistas realizadas, relacionando temas como tradicionalismo versus modernidade, sexualidade, homossexualidade como doença e pecado, preconceito, influência sócio familiar, acolhimento familiar e consequências da revelação no jovem e em seu comportamento. Para uma melhor compreensão dos resultados, o capítulo está dividido em 6 (seis) subcapítulos a seguir e as falas foram mantidas da forma que foram ditas para preservar a autenticidade dos relatos e os nomes dos participantes foram substituídos pelo termo entrevistado (independente do sexo) e seu número de identificação.

4.1 FAMÍLIA: TRADICIONALISMO VERSUS MODERNIDADE

A dicotomia presente entre essas duas palavras assinalam o contraste entre atitudes e valores. De um lado está o tradicionalismo, mais ligado a uma noção hierárquica das relações sociais; de outro está a modernidade, indicando uma maleabilidade e diversificação nas condutas, apoiando-se na ideia de escolha pessoal (HEILBORN et al., 2006).

A partir do questionamento de como os participantes classificavam sua família, surgiu esta temática. Dos dez participantes, cinco (05) classificaram sua família como tradicional, dois (02) como moderna e três (03) como ambos. Aqueles que caracterizaram sua família como tradicionais relataram a presença de pensamentos conservadores e de forte religiosidade.

Muito tradicional. Todo mundo com um pensamento retrógrado. Tudo muito tradicional. Tipo, meu pai veio da roça, minha mãe é de família super tradicional portuguesa, então é tudo no preto e no branco, não existe a possibilidade de alguma coisa diferente. Os meus primos todos fizeram

aqueles cursos tipo, administração, direito, odonto, coisas assim (ENTREVISTADO 1).

Minha família é muito religiosa, desde pequenininho eu fui criado na igreja, sempre morei com a minha avó e não tenho muito contato com os meus pais. Super tradicional, super preconceituosa, super regrada, sem abertura para nada que seja diferente. Totalmente (ENTREVISTADO 2).

Eu tenho meu pai, minha mãe, uma irmã mais nova, só que eles vivem no interior. Aqui eu moro com minha avó e meu avô paterno. [...] Minha família é tradicional, católicos, muito católicos e conservadores, principalmente os homens. Bem conservadores e bem machistas. A questão da autoridade mesmo (ENTREVISTADO 3).

Extremamente tradicional. Pai e mãe, aquela coisa de que só meu pai trabalha, mamãe é dona de casa e é aquela coisa, minha mãe nunca pode trabalhar por fora porque meu pai é o provedor, o chefe da família e sempre foi assim, extremamente tradicional. Religiosa, na minha família todo mundo é católico, muito religioso e é isso (ENTREVISTADO 4).

[...] Minha família a uns tempos atrás ela era mais tradicional. A minha mãe foi criada no meio evangélico, ela sempre foi muito religiosa, meu pai também. Se bem que quando meu pai conheceu a minha mãe, ela, usando os termos do meio evangélico, converteu ele pra religião dela, a Assembleia de Deus. Ai depois com o tempo ela foi para a Presbiteriana. A minha criação sempre foi mais religiosa, baseada nos princípios da Bíblia, e é isso. Foi mais tradicional (ENTREVISTADO 5).

A partir dos relatos pode-se observar que a característica marcante do tradicionalismo nas famílias envolve a questão da religiosidade. Bourdieu (2004) pontua que a religião tem influência no compartilhamento dos princípios e na estruturação da família, construindo assim um pensamento e visão do mundo, muitas vezes tradicional. As famílias classificadas deste modo estão fortemente ligadas à religião e essa característica foi internalizada pelo jovem em relação a sua orientação sexual.

Os participantes que classificaram sua família como moderna relataram que convivem somente com a mãe e irmão e que ambos não se importam com o que os filhos/irmãos são. O entrevistado 6 afirma que “Hoje a minha família é mãe e irmão, então se torna uma coisa muito mais tranquila [...] Minha família é muito moderna. Tem hora que eu procuro tentar fazer ela ser tradicional, mas... [...]”. O entrevistado 7 relatou que “[...] morava com a minha mãe e o meu irmão e eles não eram nada tradicionais. Meu irmão é ateu e minha mãe não tava nem aí pra nada, então não importava o que eu era”.

Segundo Maciel (2009), a família atualmente enfrenta a fragmentação dos símbolos e modelos tradicionais de educação e autoridade, porém mantendo a condição de ser o local da primeira socialização do indivíduo, fazendo com que o mesmo

constitua sua aprendizagem sobre os sentimentos de pertença que a que é exposto socialmente.

É perceptível que a família descrita como monoparental seja identificada pelos entrevistados como família moderna. De fato, o reconhecimento das novas configurações familiares envolve a estrutura familiar formada por um dos progenitores e filhos, como no caso dos entrevistados. Entretanto, parece que a ausência da figura paterna está relacionada com certa tranquilidade, com cobranças menores por não ter uma autoridade maior que impedisse ou dificultasse certas condutas.

As famílias monoparentais encontradas nesta pesquisa são constituídas em sua maioria pela mãe e filho, e a ausência do pai se justifica pela separação ou pelo falecimento. Ao assumir a família sozinha, muitas vezes a mesma se divide em uma vida dupla entre trabalho e chefe de família (BRITO, 2008).

Percebe-se nos relatos que a ausência do aspecto religioso também caracteriza a família como moderna. Portella (2006) pontua que a religião entendida em contexto tradicionalista ainda tem o poder de decisão em relação a conduta, porém em um contexto considerado moderno, no qual a família não tem ligação com a mesma, esse poder de decisão é perdido, como relatado pelo entrevistado 7, que o irmão é ateu e a mãe não demonstra interesse pela sua orientação.

Aqueles que classificaram sua família como tradicional e moderna relataram que a mesma tem costumes tradicionais de reunião familiar, com certo autoritarismo, porém com membros independentes, que valorizam as escolhas pessoais nas diversas áreas, como trabalho e estudo.

Ah, ela é tradicional no sentido de família grande, família reunida, todo mundo almoça junto, todo mundo janta junto, datas festivas estão todos juntos, essas coisas assim. Mas no sentido de concepção das coisas, de opinião das coisas, acho até ela bem moderna (ENTREVISTADO 8).

Então a minha família é eu e minha mãe, diariamente assim. Minha mãe é meio autoritária às vezes, tem uns pensamentos tradicionais, mas a gente é uma família moderna, digamos assim. Até porque ela estuda, ela trabalha, eu estudo, vou começar a estagiar... então digo que é moderna sim (ENTREVISTADO 9).

Ela é mais tradicional com um pouquinho de moderna. De um tempo pra cá acabou sendo mais moderna. Mas a gente é bem independente um do outro assim, cada um na sua. A gente tem os momentinhos juntos, mas nos viramos bem sozinhos (ENTREVISTADO 10).

Mesmo com características tradicionais, como a reunião familiar, nota-se que as famílias estão tomando uma nova configuração, com indivíduos tornando-se independentes uns aos outros. A partir dos relatos pode-se constatar que os jovens estão menos dependentes do molde de família patriarcal existente, onde o pai exerce maior poder, transformando a mesma em um sistema de família nuclear, com uma configuração mais moderna (ALVES, 2009).

A família demonstra ser o instrumento básico de socialização do jovem, um veículo de difusão de comportamentos e tradições, como hábitos, costumes e crenças, sendo extremamente importante na preparação do sujeito para a vida social, além de ser a fonte global de educação do jovem (MALUF, 2010).

Partindo do questionamento da classificação da família, pode-se obter também o histórico da forma de educação dada pela mesma aos participantes. Na educação familiar de seis (06) dos dez (10) participantes foram encontrados traços fortes de religiosidade e conservadorismo, no qual preservam a ideia de que a mulher tem como função cuidar do lar e dos filhos e o homem ser o provedor, aquele que trabalha para sustentar a família, seguindo as próprias características da mesma.

Eu fui criado com a minha avó desde pequeno, sempre ensinado nos caminhos da igreja católica e sempre participei de grupos, ela que me levava pra catequese, pra escola, ela que pagou as minhas duas faculdades que eu tenho hoje, então a educação com ela foi tudo pra mim (ENTREVISTADO 2).

Foi cristã. Aquela coisa assim “não faz isso porque é pecado”. Sempre tive que ser muito educado, sempre agradecer por tudo que as pessoas faziam, e aquela história assim, sempre fazer pelo outro, nunca reclamar muito porque é a vontade de Deus as coisas (ENTREVISTADO 3).

[...] sempre foi muito tradicional. Meus pais sempre me criaram desse mesmo jeito, desse mesmo molde que é a minha família. Ir pra igreja todo domingo, tem que rezar, se é menina tem que aprender a cozinhar, a arrumar casa, que ai no dia que você casar você vai ter que fazer tudo isso pro seu marido porque ele vai trabalhar, vai te sustentar e é essa sua função: vai ter filhos. Sempre foi assim (ENTREVISTADO 4).

[...] eu fui criada na igreja Deus é amor, pentecostal, então tinha que ser certinha. Mas o meu estilo era totalmente desajeitado, não tinha nada a ver com aquilo. Eu era obrigada a ir na igreja, então era obrigada a ser o que eu não era (ENTREVISTADO 7).

Através do relato do entrevistado 4 nota-se uma forte relação ao gênero. Tavares (2010) pontua que as relações de gênero são constituídas através da história e da dicotomia hierarquia/antagonismo, tendo como traço a dominação masculina e a submissão feminina, referindo-se aos espaços ocupados pelos homens e mulheres tanto na vida social, como na familiar.

As relações sociais são definidas pela relação de gênero, pela questão que surge acerca deste ponto. O modelo existente funciona como referência na regulação da relação entre homem e mulher, seja no âmbito social ou familiar e é intercalado pela relação de poder, construída sócia e historicamente pela sociedade. A mesma considera como modelo de família a estrutura onde homem e mulher tem diferentes papéis (SANTANA 2010).

Sarti (2011) complementa que a relação homem/mulher na casa pode ter divisão. O homem é considerado o chefe de família e a mulher é a chefe da casa, fazendo com que cada um exerça seu papel de autoridade na casa e sobre os filhos. Esta afirmação pode ser exemplificada por meio da fala do entrevistado 4, que relatou que o papel do pai é ser provedor, aquele que tem como função ser o chefe da família e sustentá-la, e a mãe tem como função ser a chefe da casa, cuidando do lar e dos filhos, ensinando os mesmos preceitos para que futuramente os filhos sigam o mesmo caminho, considerado pela família como o certo.

Pode-se observar nos relatos acima o quanto a religiosidade dentro da família é um ponto de importante influência sobre os jovens. Isto também é um fator relevante no quesito revelação do jovem, que encontra dificuldades em assumir-se devido aos conceitos arraigados de que a homossexualidade é pecado.

Ao longo de várias experiências na mesma situação, o indivíduo começa a apropriar-se do significado dado pelo outro a esta, entendendo assim que somente esta forma é correta, internalizando-a (OLIVEIRA, 2008). A partir disto, o jovem, que desde a infância aprendeu e conviveu com a ideia de que a homossexualidade é errada e pecado, pode internalizar esses conceitos e acabar internalizando a sua própria homofobia, dificultando assim sua auto aceitação e revelação de sua orientação sexual.

4.1.1 Sexualidade

A forma pela qual os jovens, tanto do sexo masculino como feminino, adquirem as primeiras informações sobre sexualidade, menstruação, gravidez e prevenção é pela família ou pelos seus grupos de pares, porém muitas delas têm como tabu este assunto, resultando na falta de informação e compreensão das mudanças que ocorrem no corpo do indivíduo (BOZON; HEILBORN, 2006).

Essa questão foi claramente percebida quando os participantes responderam sobre sexualidade na família. Dos dez (10) participantes, cinco (05) declararam que a família não falava nada sobre o assunto, que o mesmo era um tabu muito grande.

Meus pais não falavam sexualidade, esse era um assunto que não girava em torno da mesa. Não era um assunto que eles discutiam, não mesmo. Depois de muito tempo que eu fui descobrir o que era isso mesmo, me descobrir (ENTREVISTADO 7).

Lá em casa falar sobre sexo era um tabu, então o que acontecia é que quando surgiam esses assuntos, logo se desviava. Tanto que há uns tempos atrás quando eu fui falar de sexo com a minha mãe, ela se enrubescceu, ela ficou envergonhada, ela deu um espanto assim porque até então a gente não falava sobre isso, entendeu? Ai depois com alguns acontecimentos, algumas coisas foram mudando, até pelo divórcio dela também, ela foi se permitindo a falar mais coisas que até então a gente não falava. Falar sobre sexo era um tabu lá em casa (ENTREVISTADO 5).

É comum que exista a falta de informação nas famílias devido a criação mais tradicional onde o tema sexualidade é um tabu, provocando que este fato se perpetue na educação dos filhos, onde os pais não conseguem passar as informações necessárias para os mesmos. Um fato que pode estar associado a este ponto é a repressão da sexualidade na família. A repressão da sexualidade é uma maneira de expressar o tabu na sociedade atual, onde “as proibições e permissões são interiorizadas pela consciência individual, graças a inúmeros procedimentos sociais como a educação” (CHAUÍ, 1988, p. 15).

[...] Nunca falaram de sexualidade comigo. Nunca, nunca, nunca. Conversa, por exemplo, a primeira vez que eu menstruei, a minha irmã que veio conversar comigo porque minha mãe entrou em pânico, minha mãe não sabia como agir. Ai como minha irmã é bem mais velha, minha irmã é dez anos mais velha, ai ela me fez sentar, conversou comigo e tudo, porque eu nem sabia o que era menstruação quando aconteceu, pra você ter noção da viagem que é. Desse naípe (ENTREVISTADO 4).

Para muitos jovens o diálogo com os pais sobre sexualidade se torna uma tarefa difícil pela falta de informação dos mesmos e receio de ambas as partes, dificultando assim a compreensão das transformações que surgem no jovem. Por essa falta de diálogo com os pais sobre o tema, muitos jovens recorrem aos amigos para se informar, ocorrendo assim a socialização, onde o assunto tem lugar de destaque e é tratado de maneira mais agradável (ABRAMOVAY, 2004). O entrevistado 4 relatou que ao invés dos amigos, foi a irmã, que é mais velha, que lhe auxiliou na compreensão das suas transformações corporais acerca da sexualidade, tema totalmente adverso a mãe.

[...] Até os meus 12, 13 anos não falavam nada de sexualidade comigo. Era um tabu sério e qualquer brincadeira que alguém fizesse nesse sentido, da

sexualidade, era reprimido, não podia. A gente não falava de sexo assim e meu pai nem ficava sem camisa, era bem diferente. Não podia ver ninguém trocando de roupa, nada assim. Eu mesmo não trocava de roupa na frente da minha mãe, do meu pai, nem da minha vó, nem de ninguém. Tipo, tirar uma camisa pra vestir outra, ou tirar uma bermuda pra vestir outra, nada disso. Não se falava nisso. Hoje fala, depois de uns cinco anos pra cá, mas antes a gente não falava (ENTREVISTADO 3).

Dois (02) declararam que os pais falavam o básico quando eram perguntados, como se “falassem não querendo falar” sobre o assunto e dois (02) responderam que a mãe não falava nada sobre, somente o pai, que relatava as suas experiências sexuais.

A família por parte de pai sempre fala muito sobre sexo, normalmente. Então desde criança eu escutava experiências sexuais do meu pai e dos meus tios, mas minha mãe ela nunca foi de falar de sexualidade não, só quando descobriram que eu tava vendo pornô, essas coisas, ela começou a falar que pornô não é legal porque não retrata o que de fato é, porque é uma coisa mais erotizada, não é como é na vida real. Mas isso nunca foi falado abertamente não (ENTREVISTADO 9).

Em relação a essa conversa de sexualidade era bem complicado né, porque a minha mãe só ficava tipo assim, ela tem os amigos gays dela, mas gay é errado. “Ó lá, morreu de aids porque é gay. Aposto que é gay”. Tipo, tá com uma doença, ai é gay. E meu pai contava coisas pra gente muito abertamente, das experiências sexuais dele. Então assim, sempre foi uma conversa complicada (ENTREVISTADO 1).

Mesmo que a sexualidade seja discutida de uma forma um pouco mais aberta, o preconceito e o tabu ainda são existentes em relação ao que os pais consideram certo e errado. Através da fala do entrevistado 1 pode-se observar que a mãe considera certo a relação entre homem e mulher, que a relação homem com homem é errada. Outro ponto abordado pelo participante 1 ao longo da entrevista foi o relato de que a mãe tinha os amigos homossexuais e mesmo assim considerava errado, principalmente se o filho dela assumisse tal orientação.

Este questionamento levantou a discussão de como a sexualidade ainda é encarada como um grande tabu, principalmente se for fora de um âmbito considerado certo pela família, como percebeu-se em relação a homossexualidade.

4.2 DESCOBERTA DA HOMOSSEXUALIDADE

A descoberta da homossexualidade pelo jovem muitas vezes é um momento de confusão, no qual o mesmo não entende as transformações que estão acontecendo em seu corpo, assim como os desejos que surgem. A partir dessa percepção, o indivíduo coloca em questão a sua identidade, ele busca entender a si mesmo para

assim conseguir externalizar suas vontades. Acerca disso podemos colocar em pauta a questão da identidade homossexual, que é composta por fases essenciais para a aceitação do próprio jovem.

Segundo Oliveira (2012, p. 49), “a palavra identidade deriva do latim: idem e identitas significam “o mesmo”, e entitas significa entidade. Desta forma, o significado de identidade é a “mesma entidade””. O mesmo autor afirma que seu conceito se baseia na necessidade de compreensão de quem se é junto com as mudanças no contexto social no qual o indivíduo está inserido.

A identidade tem que ser considerada um processo construído socialmente, pontuado pelas diferenças e destacado pelos sistemas simbólicos e linguagem, assim a mesma não se torna uma unidade indivisível e sim algo multifacetado que consiste em representações diferenciadas umas das outras (WOODWARD, 2000).

Dos vários modelos acerca da identidade homossexual, tomaremos como base o modelo de Cass. De acordo com Cass (1979, citado por Oliveira, 2012), a identidade homossexual se constitui em fases de desenvolvimento que abrangem a identificação da diferença até a orientação sexual e o modelo da autora foi o primeiro a relacionar a constituição da identidade homossexual em seis níveis.

O primeiro nível é a confusão da identidade, onde o indivíduo questiona se é homossexual. Esse questionamento surge a partir da sua percepção em sentir ou ser algo “diferente” em relação a alguém do mesmo sexo, com pensamentos e desejos fora do padrão heteronormativo, no qual resultam em muitas dúvidas (OLIVEIRA, 2012).

Muitos jovens ao se perceberem homossexuais acham que isto é um momento, que logo vai passar, veem isso como algo errado. Essa premissa pode ser vista na fala do entrevistado 8 que se percebeu homossexual “com uns 13, 14 anos. [...] Que eu me percebi, assim né, que eu achava que tinha alguma coisa de errado e que ia passar. Achava que era um momento ou uma situação”. Segundo o entrevistado 10, “mas ai depois eu fui percebendo que era diferente, quando fui chegando na adolescência, que você vê que todo mundo gosta de mulher e você não gosta, ai você fica meio “ah, tem algo errado”. Essas falas podem ser correlacionadas com a fala abaixo:

Olha, no fundo, no fundo eu sempre soube que eu era, desde sempre, mas eu fui, tipo, externalizar isso com 20, 21 anos. Mas eu já, no fundo, no fundo, eu sempre soube. Mas eu sempre meio que afastava essa possibilidade porque era uma coisa que na minha cabeça que sempre foi errada, sempre foi muito errada, que foge totalmente de tudo que eu aprendi na minha vida (ENTREVISTADO 4).

Dos dez (10) participantes da presente pesquisa, cinco (05) revelaram que se perceberam homossexuais desde a infância, porém não sabiam nomear ou definir sua orientação, mas que mesmo assim viam como algo errado e por conta disso só externalizaram suas reais vontades na adolescência ou no início da vida adulta. Essa fase pode ser compreendida como o segundo nível, a fase de comparação da identidade homossexual, onde as dúvidas são intensas e o indivíduo tende a esconder, omitir e até mesmo fingir um comportamento heterossexual, mantendo-se dentro do estereótipo estabelecido pela sociedade (OLIVEIRA, 2012).

Desde pequeno já, porque eu nunca gostei de futebol. Toda brincadeira de menino eu nunca gostei, era sempre assim, brincar de casinha, eu achava que brincar de boneca era melhor. [...] Eu me descobri mesmo, mesmo, depois dos 18. Mas eu já sentia dentro de mim que eu não gostava de mulher desde pequeno. É uma coisa que a gente vai crescendo com isso. Às vezes as pessoas falam “a pessoa virou gay”, acho que não existe virar. A pessoa ela nasce, ela é, vem de pequeno. Eu namorei com meninas por causa de família na época, pra evitar qualquer comentário, ficava nisso, apenas pra mostrar a minha família que eu era normal igual todo mundo, normal do jeito que eles achavam ser normal. (ENTREVISTADO 6).

Mas eu lembro que eu percebi alguma coisa lá pela primeira série, que eu já olhava diferente pros meninos e tal, mas me decidir, o “eu sou” foi... na verdade eu comecei com a questão da bissexualidade, só que eu não me classifico como bissexual mais não. Foi lá pros 12, 14, mais ou menos nessa faixa (ENTREVISTADO 9).

Desde pequeno. Desde quando eu nasci. Não tem como. As pessoas falam que é putaria, mas não, eu nasci assim. Desde criança eu sempre olhei para meninos, nunca olhei pra menina com desejo não. Muito raro. Nunca mesmo (ENTREVISTADO 2).

O estereótipo fornecido pela sociedade, em sua maioria heteronormativa, é que meninos devem brincar de carrinho e futebol e as meninas devem brincar de casinha e boneca. Porém muitos jovens que se percebem homossexuais desde a infância realizam o inverso imposto pela sociedade, muitos meninos preferem brincar de boneca e casinha a jogar futebol, e as meninas, vice versa, como visto na fala do entrevistado 6. Esta atipicidade de gênero e homossexualidade pode ser comum a várias culturas, mas não é uma regra (FORASTIERI, 2006).

Quando eu tinha mais ou menos uns 5 anos, mas naquele tempo eu não entendia isso assim. Quando eu entrei na escola com 6 anos, eu ficava olhando pros meus coleguinhas de primeira série e isso foi durante todo o processo escolar. Ai eu achava eles bonitinhos e pensava assim “não posso achar bonito, tenho que gostar de menina porque menino gosta de menina e

menina gosta de menino". E os meninos tinham essa coisa de namoradinha, de mandar cartinha na quarta série principalmente, então sempre guardava aquilo, mas eu sabia que tinha alguma coisa diferente acontecendo. E tinha uma novela na época que eu tava com 7 anos, que passava na Globo, que tinha uma cara, que era o ator principal, eu não lembro quem, mas ele era muito bonito, e sempre que eu ia dormir, ficava pensando nele. Ai eu pensava assim "não posso pensar isso porque isso não está certo". Desde sempre. Eu não passei por nenhum abuso, alguma coisa nesse sentido não, desde criança sempre foi assim, sempre chamou atenção o lado masculino (ENTREVISTADO 3).

Então, quando eu me percebi homossexual foi na adolescência. Eu acho que foi por volta dos 13 aos 16 anos, mais ou menos nesse período. Mas sentir atração por meninos, eu já sentia desde os 9 anos, eu lembro disso perfeitamente que tinha um menininho na minha sala e eu achava ele bonito, só que eu não tinha essa ideia ainda de que isso era errado, eu só achava ele bonito. [...] Quando eu cheguei no ensino médio, eu sentia atração mesmo, física, por um amigo meu. Com o tempo eu fui aceitando e me percebi homossexual mais ou menos por ai, dos 13 aos 16 anos. Com 16 anos ficou mais certo isso (ENTREVISTADO 5).

Devido a educação recebida pela família (muitas vezes rígida e religiosa) e pela falta de conhecimento do que é de fato a homossexualidade, muitos jovens ao se perceberem sentem muito medo e consideram sua orientação sexual como algo errado, chegando a pensar que a mesma pode ser um pecado, provocando assim atitudes em busca de libertar-se disso ou a busca de auxílio na igreja, e até mesmo a consideram como uma doença, resultando em sentimentos prejudiciais em relação a si próprio.

Mas por ser da igreja naquela época era muito complicado. Eu comecei a achar que aquilo era um pecado. Eu achei que era um pecado, eu comecei a sentir nojo de mim. Eu me olhava no espelho e tinha nojo de mim. Eu chorava muito, por não ter com quem conversar. Então eu tive que guardar. [...] Eu estou doente. Estou pecando, ainda mais que a minha família é muito católica, minha avó tava me preparando pra ser padre, desde pequeno. Só que ao mesmo tempo era prazeroso. Apesar de não saber o que era de fato prazer, era uma coisa que me fazia bem, eu olhar para outro homem. Eu sentia uma coisa que me atraía, que quando eu olhava uma menina, eu não sentia. Menina pra mim era só amiga, de conversar e tal. E com isso passava na minha mente "Eu tô doente, eu tô pecando. Mas e aí, por que é que eu tô doente, eu tô pecando se isso tá me fazendo bem? Se o que eu sinto é algo que deixa meu corpo bem?" Era essa dúvida que passava pela minha cabeça. Inclusive eu tive um grande amigo que foi o Padre Roberto [nome fictício], nesse sentido. Eu fui me confessar com ele e ele me fez a mesma pergunta que a minha mãe me fez, sem saber. "Ricardo [nome fictício], você se olha no espelho e se sente feliz?" e eu falei "sim". Ele virou pra mim e falou assim "quem sou eu pra dizer que você está pecando? Deus fala o que? Seja feliz!". Uma coisa que ele sempre me alertou muito foi sobre os cuidados com o corpo (ENTREVISTADO 6).

Medo porque somos muito católicos, medo de mim mesmo porque eu ainda não me aceito completamente, eu vejo isso como um pecado e tal, mas eu tô tentando uma ajuda, um direcionamento espiritual com o pároco da minha igreja. Então ele tem me mostrado que o importante é ser feliz, que Jesus me fez do jeito que eu sou, apenas eu não cometer a promiscuidade, que é me entregar pra, se eu tô namorando com você, namorar com outro,

transar com outro... isso Jesus não quer pra gente, porque isso é uma promiscuidade do inferno, mas quer que eu seja feliz. Então eu tô tendo todo um direcionamento, todo carinho e apoio do pároco da minha comunidade (ENTREVISTADO 2).

Ai eu não admitia, chorava em casa e pedia a Deus, perguntava porque que eu tinha nascido assim, porque eu tinha esse sentimento, eu não entendia isso também. [...] Olhando agora pra trás, eu sinto falta hoje de que tivessem me explicado que a minha situação não era doença, era normal e tal. Outra coisa importante eu falar é que desde cedo essa ideia de ser homossexual é colocado como algo errado, como algo inadmissível, um pecado imperdoável, então eu lembro de brincadeiras que falavam isso, então eu senti falta disso mesmo, de que alguém falasse que não era algo ruim ser homossexual e eu percebi nessa época e foi isso (ENTREVISTADO 5).

Guimarães (2009) em seu resgate histórico sobre a homossexualidade pontuou que a mesma foi considerada a maior desordem existente na reprodução, um pecado gravíssimo que não tinha perdão, sendo merecedor de punição por um longo tempo. A igreja considerava a homossexualidade como um desvio doutrinário, chegando a associar a mesma como bruxaria e heresia. Esses conceitos sobre o tema atravessaram gerações e nas famílias mais religiosas e conservadoras ainda é possível observar atitudes a partir desta fundamentação histórica.

Ai eu tava na igreja, eu entrei na igreja bem cedo com a minha família e eu não aceitava ser porque era errado, era pecado e eu sempre buscava uma maneira de Deus me curar, ai eu ficava sem comer, fazia o que a gente chama de sacrifício na igreja católica. Ficava sem comer, às vezes fingia que comia e jogava a comida fora, ficava o dia todo sem comer. Trabalhava na roça e ficava sem comer pra ver se Deus curava. Amarrava uma corda na cintura e ia dormir com ela na cintura pra ver se Deus curava porque eu não queria, eu não queria ser diferente (ENTREVISTADO 3).

Ao me perceber quando muito nova, eu achava que tinha algum problema, que era doente, alguma coisa que eu tinha que dar um jeito de solucionar isso porque eu tava com algum problema. Tipo, era uma coisa muito errada. Quando eu meio que me assumi, eu fiquei muitos meses, cheguei a ficar um ano e meio paranoica. Sem saber como agir exatamente (ENTREVISTADO 4).

Segundo Frazão e Rosário (2008), é plausível que o jovem, no processo de descoberta de sua orientação sexual, possa desenvolver problemas emocionais e/ou comportamentais, como por exemplo a depressão, a fobia, a fuga de casa e até mesmo a tentativa de suicídio. Essa premissa pode ser observada nos relatos dos seguintes entrevistados.

Me assumi porque comecei a ter crises de ansiedade. Eu fiquei com o primeiro menino no ano passado no cruzeiro, mas eu não transei, mas eu já tinha transado com o menino antes disso. Então eu lembro que na primeira vez que eu transei, foi uma coisa muito assim, fiquei com uma crise só que eu não sabia que existia crise de ansiedade. Pra mim ansiedade era “ah, amanhã vou cantar num show e vou estar felizão e tal”, mas eu não sabia dessa ansiedade emocional, essa coisa ruim que é. Ai aconteceu que eu

fiquei com esse menino e em três dias eu fiquei mal. Eu lembro que fui no hospital, tomei soro e a médica falou que não tinha nada, apenas mexeu muito com o meu psicológico. [...] Então aquilo, nossa, me deu uma revolta, uma coisa... acabei adquirindo a ansiedade generalizada que deu ainda em síndrome do pânico (ENTREVISTADO 2).

Então, eu percebi e passou pela minha cabeça acabar com aquilo, porque eu tenho um histórico de baixa autoestima. Eu sempre fui um garoto mais alegre, mais feliz, um menino viado mesmo, tido como gay, porque se você pegar vem disso, um homem feliz. Isso eu percebi desde cedo que incomodava as pessoas, que o meu jeito de ser, do jeito que eu era autêntico, incomodava. Conforme o tempo foi passando, eu fui reprimindo muito isso, então eu cresci com uma autoestima lá embaixo, eu não me achava capaz de fazer as coisas, tudo o que eu começava eu não dava continuidade, parava, pensei em suicídio nessa época. [...] Eu realmente sofria mesmo porque eu vivia um teatro e as pessoas perguntavam também, meus pais perguntavam sobre a namorada, que uma amiguinha minha era minha namorada e aquilo me irritava porque não era verdade e eu queria falar, mas não tinha forças (ENTREVISTADO 5).

Percebe-se que a partir desse processo de descoberta, o jovem tende a começar o processo de auto aceitação de sua orientação, desconstruindo tudo aquilo que considerava errado sobre a mesma, buscando informações e iniciando uma preparação para uma revelação a nível social.

Com 17 anos, eu estava na igreja e conheci um amigo e esse amigo era gay e eu comecei a me identificar. Comecei a conversar com ele sobre liberdade, sobre a velha frase que eu uso muito “ser quem eu sou e não usar máscaras”. Ele sempre falou que eu precisava me assumir, mas eu falava “Assumir o que? Eu sou homem!”. Até que um dia numa festa, a gente tava brincando, tomando um vinhozinho a mais, ele foi e me deu um beijo. Ai eu virei pra ele e disse “se você fizer isso de novo, nossa amizade termina”, ele me deu outro. Quando virei às costas ele me puxou e me beijou de novo, e assim eu retribui. Aquilo foi bom. Dai começou todo um trabalho de volta, no caso, pra desmanchar aquela imagem de coisa ruim, de pecado, e eu comecei a entender que aquilo me fazia bem e comecei daí, com 17, planejar como contar pra minha avó e pra minha família (ENTREVISTADO 6).

Ai quando eu entrei pro ensino médio, eu fui pra escola agrícola, que é regime de alternância, uma semana na escola, uma semana em casa, ai lá que eu consegui começar a trabalhar a aceitação. Fui contando pra uma pessoa, pra outra pessoa, quando eu tava no segundo ano (ENTREVISTADO 3).

Ai eu comecei a pesquisar também, eu pesquisei na internet os outros lados do mesmo assunto. Eu só tinha visto a explicação religiosa para aquilo, ai comecei a ver que a homossexualidade não era uma doença, que era uma condição e enfim, comecei a entender que eu gostava desse menino (ENTREVISTADO 5).

Esse reconhecimento de sua condição de ser homossexual é uma fase que pode ser chamada de tolerância da identidade, onde o indivíduo afirma-se homossexual e busca ter contato com pessoas de mesma orientação, minimizando dúvidas e buscando informações como pode ser observado nos relatos anteriores, para assim

realizar a socialização de forma positiva, adquirindo habilidades para expressar sua orientação em sociedade (OLIVEIRA, 2012).

É esse processo de revelação que pode ser considerada como uma das mais difíceis para o sujeito, a de revelar de fato a sua orientação sexual para a família.

4.3 REVELAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE PARA A FAMÍLIA

A revelação da homossexualidade para a família é um momento delicado para o jovem, onde o ato de revelar-se pode ser totalmente influenciado pelo histórico sócio familiar. Antes da revelação, no momento no qual o jovem se prepara para tal ato, é comum que o mesmo imagine várias formas de como realizá-lo.

Ao serem questionados sobre a maneira que imaginavam a revelação para a família, três (03) participantes relataram que seria difícil devido ao medo existente em se assumir e imaginar também que seriam expulsos de casa e da vida dos familiares, ou que sofreriam violência por parte dos pais assim que fizessem tal confissão, o que pode se constatar nas seguintes falas:

Eu imaginei que eles iam chorar muito e que meu pai, sei lá, “nossa, meu pai vai me espancar ou vai me chutar de casa, vai pegar minhas coisas e falar “sai daqui!”, e que não ia querer mais ter diálogo comigo, que não ia querer mais saber de mim. Eu imaginava que ia ser assim (ENTREVISTADO 3).

Primeiro eu assumi pra minha mãe, depois de um ano eu assumi pro meu pai. Antes da revelação eu achei que minha mãe ia pedir pra eu sair de casa e pro meu pai eu também achei que ele não iria me aceitar, que ele não ia mais me ajudar, que eu não poderia mais contar com ele (ENTREVISTADO 5).

“Tô ferrada. Se minha mãe descobrir eu tô ferrada! Meu Deus, o que que eu vou fazer da minha vida se isso acontecer?”. Primeiro eu tentei me aceitar, eu não conseguia me aceitar. Eu pensava “eu não posso ser isso, eu não posso, minha vida vai virar de cabeça pra baixo”. A reação da minha mãe eu jurava que ela ia me matar quando ela soubesse, então eu tentava esconder ao máximo pra não ser aquilo. Eu pensei que a minha família ia me mandar embora de casa. É a primeira coisa que você pensa né, porque as pessoas normalmente quando descobrem que o filho é, mandam embora de casa, não quer mais saber por que ficam com raiva. Então foi isso que eu pensei. “Nossa, minha mãe não vai me amar mais”, eu pensei. Pensei que ia começar a chorar, que ia me xingar, que ia falar “como assim? Você não pode ser assim! Não, não aceito.” Porque o jeito da minha mãe é meio estourado. Ela achava bonito, tipo, as pessoas assumirem, que não seja a filha dela, entendeu? Mas como é a filha dela, não desceu na garganta, não desceu. Por isso (ENTREVISTADO 7).

O que pode ser observado a partir dos relatos acerca da revelação, é a presença do medo de ser desamparado pela família, além de “atitudes negativas e depreciativas

além de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de um grupo por pertencerem a esse grupo” (LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002, p. 166), e esses comportamentos existentes nas relações sociais podem resultar na construção de estereótipos, no qual a visão heteronormativa imposta pela sociedade ganha destaque.

Dentre os dez (10) entrevistados, cinco (05) relataram que imaginavam que a família não iria aceitar a sua orientação sexual devido ao preconceito e aos estereótipos existentes.

A parte pessoal eu sempre coloquei em mente o que “depois que eu deixar claro pra todo mundo o que eu sou, vai ser melhor pra mim porque eu não vou precisar disfarçar, eu não vou ser obrigado mais a falar que gosto de futebol, a olhar uma mulher e ter que chamar de gostosa porque meus primos e meus tios estão perto, eu vou poder ser eu, simplesmente gostar do que eu gosto, não fazer quando eu não quero”. E a parte da família eu disse “eu vou ter que ter paciência, e vou ter que ter força”, no começo, inclusive, foi uma coisa que eu pensei que não fosse ter porque machuca (ENTREVISTADO 6).

Imaginava que seria assim porque a sociedade é preconceituosa, isso não exclui meus familiares, então é... eu esperava que fosse independente pra poder bater no peito e falar, dai ninguém poderia falar nada, se falasse também, não estaria nem aí para a opinião deles (ENTREVISTADO 9).

Eu achava que meu pai poderia até me expulsar, mas é aquele negócio. [...] Depois que eu me assumi eu falei “isso é o que eu acho normal, pronto acabou”. Eu imaginava que seria assim porque a sociedade é assim. Meus pais foram criados diferentes da gente, então é o que eu achava que ia acontecer. A maioria das pessoas é assim. As pessoas não entendem muito. É raro um pai e uma mãe que acham que tá tudo bem mesmo depois de um filho assumido (ENTREVISTADO 8).

Em um contexto de preconceito, os homossexuais podem ser chamados de doentes, pecadores, até mesmo imorais e promíscuos. Isto tudo é devido ao estereótipo que prevalece na sociedade que passou de geração em geração por meio da educação. Além de denominações pejorativas, os homossexuais também tem que lidar com o apontamento que a sua orientação é somente uma fase ou estilo de vida que logo passará ou acabará, inclusive de sua família (SILVA, 2007), fato observado na fala do entrevistado 8, que diz que “eu imaginava que seria assim porque a sociedade é assim. Meus pais foram criados diferentes da gente [...] é raro um pai e uma mãe que acham que tá tudo bem mesmo depois de um filho assumido” e também no entrevistado 9 “imaginava que seria assim porque a sociedade é preconceituosa, isso não exclui meus familiares”.

Jovens homossexuais quando não são assumidos podem sentir-se inferiores e vulneráveis e acerca disso existem muitos motivos relevantes para que os mesmos escondam a sua orientação sexual. O medo de rejeição da família, de amigos, de serem expulsos do lar, de sofrerem algum tipo de agressão (seja física ou psicológica) são fatores essenciais para que o jovem tome a decisão de revelar-se ou não (BENTO; MATÃO, 2012).

Eu já sabia que eles não iam aceitar. Nunca. Minha mãe por exemplo, nunca vai aceitar e ela não é tão religiosa assim não, mas ela nunca vai aceitar. Ela não vai aceitar porque não vai aceitar. Ela já falou que ela prefere que eu seja um drogado, tenha um câncer do que ter um filho gay. Ela eu tenho certeza que nunca vai aceitar. Ela, minha tia... a minha avó entendeu, então ela fica na dela (ENTREVISTADO 2).

A religião, por muitas vezes é usada como uma função normativa e educadora, que determina a hierarquização, sendo o costume de uma população, fazendo uso de suas leis para convencer aos indivíduos a segui-las. Porém o preconceito está para além de uma determinada religião (FORNAZIERI, 2006 apud SOBOLESKI, 2011). O entrevistado 2 demonstra que sua família não é religiosa, mas também não aceita a sua homossexualidade, e que por várias vezes a religiosidade é usada como desculpa para o exercício do preconceito.

Por serem caracterizados e discriminados de tal forma, os homossexuais são estereotipados e por consequência disso podem ser alvos de aversão e desconforto.

4.3.1 Momento da revelação

Segundo Barbero (2003, citado por Bento e Matão, 2012), manifestar-se sobre a sua orientação sexual é uma decisão e um passo extremamente importante, o qual necessita maturidade de ambas as partes, a que conta e a que escuta. O jovem ao perceber-se homossexual não revela imediatamente para os pais a sua orientação devido ao medo de rejeição presente neste processo.

Porém por não saberem mais como lidar com tanta dúvida e angústia, a decisão de revelar-se para a família é tomada. Essa fase é conhecida como a quarta fase de aceitação da identidade homossexual, onde o indivíduo busca a necessidade de reafirmar a sua orientação sexual, confidenciando assim o seu maior segredo para a

família, em busca também de compreensão e aceitação pela mesma (OLIVEIRA, 2012).

Dos dez (10) participantes, nove (09) são assumidos para a família e os mesmos relataram suas vivências na revelação. Três (03) deles revelaram que foram “tirados do armário” pelos pais ou por algum familiar.

Foi tipo meio que obrigado. Na verdade não foi uma decisão minha, foi minha mãe que chegou e perguntou, porque João [nome fictício] tava ficando aqui em casa e minha mãe chegou e falou “o João é seu namorado? Porque é isso que parece”, ai eu fui e falei “é”. Ai minha mãe começou a chorar e eu falei “mãe, eu não vou chorar porque não acho triste”. Mas eu achei que a aceitação deles foi muito acima do que esperava. Eu achava que ia ser bem mais complicado (ENTREVISTADO 8).

Na verdade eu não me assumi, eu fui arrancado do armário (risos). No caso da minha mãe, ela viu uma mensagem minha com um outro menino, isso eu era bem novo e tal. [...] Ai na época eu falei que era bissexual e que gostava de mulher e de homem. Ai ela achou um absurdo, que era muito cedo para eu estar afirmando isso, ai começou a fase conturbada com ela. Qualquer coisa era motivo de briga. [...] Ano passado ou retrasado foi tipo o basta. Ano passado foi o basta porque eu acabei chegando bêbado em casa, pela primeira vez, e acabei falando umas verdades pra ela. Daí ela tentou me bater e eu disse que podia bater, mas que não ia mudar em nada, mas hoje em dia a gente tá melhor, melhor mesmo (ENTREVISTADO 9).

Eu lembro que tava comprando o remédio na farmácia, ai meu irmão foi com minha mãe pra casa ai ele já foi contando pra ela. “O Rafael gosta de meninos, eu vi ele ficando com um menino no cruzeiro e acho que ele tem que ser feliz e tal e vocês tem que aceitar meu irmão do jeito que ele é, porque eu amo ele do jeito que ele é”. Mas eles não me apoiaram de braços abertos não, impossível né, mas... (ENTREVISTADO 2).

Os outros participantes que são assumidos relataram a dificuldade no momento da revelação e principalmente o temor à família e a intolerância existente em relação ao tema homossexualidade na mesma. “O preconceito social nas atitudes dos pais e amigos, em relação aos homossexuais, leva os filhos a reprimirem seus impulsos, escondendo sua verdadeira identidade sexual” (MOREIRA; DÓCOLAS, 1999, p. 58).

Quando eu fiz 18 anos, minha avó começou a falar muito mal dos homossexuais, e toda vez que ela falava, eu defendia. Ai teve um dia que estávamos numa reunião de família, ela foi falar mal e eu disse assim “acho que a senhora devia dobrar a sua língua, porque são seres humanos iguais a todos nós aqui”. Ai ela falou assim “por que você tá defendendo, você é?”, ai eu falei “sou, algum problema?”. Esse foi o baque pra família, a família toda parou e eu me tornei o centro da atenção. Na mesma hora, tipo, ela levantou e chegou a levantar a mão pra me bater, ai meu primo chegou e falou “não vó”. Eu senti medo. Eu, até meus 18 anos, fiquei com muito medo, até porque quando eu era mais novo, meu primo descobriu e contou pra minha avó. Eu tomei uma surra que eu nunca esqueci na minha vida até hoje (ENTREVISTADO 6).

Eu me assumi pra minha família... eu não ia me assumir por um tempo ainda. Eu tinha um namorado que era meu amigo, que minha família nem conhecia direito e sabia que eu sempre andava com ele. Mas assim, eu já tinha tido algumas conversas sobre isso com a minha mãe e meu pai eu já

tinha falado algumas coisas, mas sempre indiretamente né. “É uma fase, vai passar”, quando eu tentava falar alguma coisa. Mas eu me assumi quando um amigo gay da minha mãe deu em cima de mim. Ai ele tipo “ou você fica comigo ou eu conto pra sua mãe”. Isso a gente tava no meio da boate e eu fiz um escarcel, deu segurança e tudo porque eu voei na cara dele e falei assim “Então vamos lá, você vai contar agora. A gente vai sair daqui agora e você vai lá em casa contar”. Tipo assim “você é macho, é homem pra me ameaçar então vamos ver se você é homem pra ir lá”. Ai ele foi embora, eu também fui embora, ai uns três dias depois minha mãe veio me perguntar, que ele tinha dito coisas absurdas ao meu respeito. Foi assim que eu me assumi. Mas tipo assim, eu já tinha me assumido como comportamento, eu já tinha meio que deixado claro as coisas. Tipo, algumas coisas a gente faz que você deixa a entender já que você tá indo pra aquele caminho, que você tá se assumindo. Mas sabe como é pai e mãe né? Igual Verdades Secretas, não quer enxergar. [...] Foi um escarcel. Uma briga, quebrei um monte de coisas dentro de casa. Meus pais eram separados a muitos anos já, ai meu pai apareceu lá, tipo “agora eu sou pai”. Foi uma experiência muito ruim. Fui parar no hospital porque meu pai me bateu e tudo mais (ENTREVISTADO 1).

Borrillo (2010) pontua que o predomínio heterossexista, a falta de referências e a baixa auto estima podem ser cruciais na angústia e isolamento do indivíduo homossexual, fazendo com que o mesmo sinta necessidade de realizar o coming out, o ato de revelação de sua orientação sexual, para afirmar-se e apropriar-se de sua identidade homossexual.

Porque eu não tava aguentando mais esconder. Eu já tava com 18 anos em 2012, ai eu tava mais tranquilo. Todos os meus amigos sabiam, eu tinha assumido pra muita gente, mas dentro de casa ainda não. Mas sempre que eu voltava pra casa, eu ficava com aquela sensação de peso e é uma sensação de opressão que você carrega nas costas porque a família fica com expectativa em cima de você e você sabe que não vai corresponder e eu queria que meus pais me aceitassem porque são meus cuidadores, são as pessoas que você ama, que tem seu primeiro afeto. [...] Eu não tava mais aguentando carregar aquilo dentro de mim porque tava ficando pior. Quando tinha os almoços de família, todo mundo ficava questionando onde tava minha namorada. [...] queria desistir de tudo porque não tava aguentando mais andar com aquela angústia, porque era muito angustiante. Ai eu cheguei pra um tio meu, que é irmão do meu pai e mora aqui em Vitória, e contei pra ele. Contei pra minha avó, que mora comigo, contei pras minhas tias e todo mundo fazia pressão pra eu não contar pro meu pai, porque meu pai não ia saber lidar com isso, eles achavam que meu pai ia se suicidar, que não ia aceitar bem essa circunstância. E também porque eu tava me relacionando com um rapaz já tinha três meses e eu queria contar pros meus pais, não queria mais esconder aquilo. Sentei com meus pais e contei pra eles que eu era homossexual. Eu tive a conclusão de que eu era assim e que não tinha porque ficar escondendo isso das pessoas (ENTREVISTADO 3).

Então, eu me assumi pra minha mãe. Foi no momento de dormir, luzes apagadas, eu falei “mãe, eu tenho uma amiga que ela tem uma mãe que é lésbica”. Ai ela falou pra mim “ah, se eu fosse você me aceitava né?”, ai ela pensou bem e falou “você é?”. Eu travei e falei tipo “sou”. Aquela voz bem baixinha, ai ela “nossa cara, você precisa ficar com homens, isso sim”. Ela falou isso pra mim, ela queria que eu ficasse com homem. “Não, não tô acreditando que você tá falando isso pra mim”. Ai ficou naquela né, ela não acreditou (ENTREVISTADO 7).

Antes de se revelarem para a família, o indivíduo homossexual luta contra a vergonha, o medo e a dúvida, e a família ao descobrir sua orientação sexual tende a resistir, devido aos princípios e condutas adotadas pela mesma, que acabam como verdade absoluta. Muitos pais diante da confissão dos filhos, seja pelo próprio indivíduo ou por terceiros, tendem a procurar meios para ajudar o filho, geralmente de formas bem convencionais, como por exemplo, a busca de um psicólogo, médico e até mesmo a busca de modos alternativos para lidar com toda essa situação (BENTO; MATÃO, 2012).

Geralmente a homossexualidade não é um assunto tratado de forma espontânea no meio familiar e são poucos os pais que desde cedo notam, aceitam e respeitam a orientação sexual dos mesmos e buscam conversar sobre o assunto com maturidade. Quando o jovem decide revelar-se para a família, o mesmo retira um “peso das costas”, porém a preocupação continua presente neste processo, relacionada principalmente aos pais, que em grande parte não compreendem a situação de forma favorável. (GOLEMAN, 1995; MODESTO, 2008; BARBERO, 2003 apud BENTO; MATÃO, 2012).

A partir da revelação do jovem de sua orientação sexual para a família, surge o questionamento sobre o acolhimento familiar, se houve e como foi, tema tratado no próximo subcapítulo.

4.3.2 Acolhimento familiar

O acolhimento familiar é o fator principal para que o jovem desenvolva sua identidade homossexual de forma saudável, tendo em sua família suporte para qualquer dificuldade que possa surgir. Entretanto, pode ser na família o primeiro lugar onde o jovem encontrará o preconceito e a discriminação, sendo assim um meio de desestabilização do sujeito (BENTO; MATÃO, 2012).

Os participantes ao relatarem como foi contar a família sobre sua orientação sexual também relataram se houve aceitação pela mesma e por quem especificamente. Dos dez (10) participantes, dois (02) foram criados pela avó debaixo de muitas regras e forte conservadorismo devido à conduta religiosa da família, porém o acolhimento dos dois participantes tiveram algumas diferenças relevantes.

O entrevistado 2 (dois) obteve um acolhimento positivo por parte da avó e do irmão e negativo por parte dos pais, enquanto o entrevistado 6 (seis) teve o processo inverso, bem acolhido pela mãe e primos e não pela avó. Essas afirmações podem ser constatadas nas falas abaixo.

Mas eu sempre tive muito medo de me assumir, até que aconteceu. Eu não me assumi completamente, mas falei que gosto de meninos e eles me excomungaram. Não falam comigo muito bem, minha mãe disse que prefere que eu seja um drogado, um assassino do que ter um filho gay. Houve aceitação do meu irmão. Ele foi a primeira pessoa a perguntar, a conversar comigo assim. E minha avó sempre soube, então quando eles começam a me ofender, ela sempre me defende de um jeito. Eu sou a menina dos olhos de ouro dela, é isso que elas costumam falar aqui em casa (ENTREVISTADO 2).

Com minha mãe não, ela foi a primeira a saber. Eu cheguei pra ela e contei. Ela só olhou pra minha cara e disse “você se sente bem?”, respondi que sim, ai ela disse “Eu te amo. Você é meu filho, não deixa de ser Felipe [nome fictício], não deixa de ser meu sangue”. [...] A aceitação veio por parte dos meus primos e prima, até porque a gente sempre foi muito unidos. No dia que eu assumi, eu entrei no quarto, meu primo entrou também e trancou a porta. Logo pensei “pronto, agora eu apanho”. A primeira coisa que ele fez foi dizer assim “me dá um abraço porque eu sabia que você seria homem o suficiente pra fazer o que você fez hoje”. Aquilo me deu forças (ENTREVISTADO 6).

Um ponto interessante constatado a partir destes relatos é a forma como a mãe dos participantes os acolheu. As maneiras foram bem distintas no momento da revelação, uma acolheu de forma positiva, com tranquilidade, compreendendo a situação e dando o apoio necessário para a aceitação do jovem, como visto na seguinte fala do entrevistado 6: “Ela só olhou pra minha cara e disse “você se sente bem?”, respondi que sim, ai ela disse “Eu te amo. Você é meu filho, não deixa de ser Felipe [nome fictício], não deixa de ser meu sangue”.

Entretanto, o acolhimento do entrevistado 2 foi negativo por parte da mãe, que não o aceitou e compreendeu a situação, declarando nitidamente o preconceito internalizado dentro de si, como relatado no seguinte relato: “[...] minha mãe disse que prefere que eu seja um drogado, um assassino do que ter um filho gay” (ENTREVISTADO 2). A forma de acolhimento dado pelas mães desses participantes influenciou diretamente o seu processo de revelação e auto aceitação.

Dois (02) participantes relataram surpresa com a forma que a família o acolheu, pois não esperavam que seus pais lhe aceitassem de uma forma mais tranquila. Relataram que logo no início houve o impacto da notícia, mas que com pouco tempo

a relação entre eles se estabilizou, porém com uma pequena resistência por parte de algum membro da família.

Uma surpresa, porque não fui eu, exatamente como eu te falei. A iniciativa não foi minha, mas foi bem fácil pra mim em comparação ao que eu achava que seria e em comparação ao que eu já sabia que muita gente tinha passado por isso. Eu me assumi e falei com minha mãe “deixa o João [nome fictício] sair daqui primeiro pra você falar pro meu pai, porque é uma situação chata porque é uma coisa assim, tô me assumindo, meu pai sabe agora que sou gay e ainda meu namorado está aqui vivendo comigo. Então deixa o João sair daqui de casa que aí você conta”. No dia seguinte que ele saiu daqui, minha mãe contou pro meu pai. Ele não conversou comigo. A conversa é só com a minha mãe, basicamente. Meu pai conversa mais indiretamente, tipo assim, discussões de Jair Bolsonaro, aí ele conversa. A novela que tem duas velhas se beijando, tipo a última novela agora, aí ele fala que não teve uma repercussão boa, que a sociedade não tá preparada pra isso... só fica discutindo indiretamente. Aqui dentro de casa todo mundo me aceitou bem. O meu pai é assim, é questão de aceitar mesmo, não de... porque é diferente você só aceitar do que realmente apoiar. O apoio com certeza eu sinto mais da minha mãe, da minha irmã, mais de até de outros membros do que do meu pai (ENTREVISTADO 8).

Ficaram meio mal, minha irmã ficou meio na dela, não conversava comigo. Meu pai ficou tudo bem assim, rolou aquela tristeza e tal, mas depois passou. Minha mãe ficou meio enjoada durante um tempo, mas depois passou também. Passou assim, conversei bastante com ela, aí fui mostrando pra ela que eu sou gente, que eu não mudei, que eu não matei ninguém, que não foi nada demais e que é natural, aí ela foi compreendendo, e pronto (ENTREVISTADO 10).

Do total de participantes, três (03) relataram que o processo de acolhimento familiar foi mais complicado, envolvendo certo sofrimento e desgaste de ambas as partes, com nenhuma aceitação inicial ou de apenas um membro da família ou de parte dela.

Ninguém da minha família me aceitou. Assim, o Felipe [nome fictício], meu irmão, aceitou. Ele não aceitou, ele entendeu. A gente sempre foi muito próximo, era muito unido o tempo inteiro e ele entendeu, mas não aceitou assim. E a minha mãe chorou, chorou. No dia que ela falou pra mim ela falou assim “se você escolher esse caminho, eu nunca mais vou sair de casa de vergonha”. E o meu pai, quando ele foi lá em casa, ele falou que eu devia ser macho, que ia me bater pra eu aprender a ser macho, tipo assim “depois de uma surra você aprende a ser macho”. Só que eu já tava com tudo arquitetado. Essa briga foi tipo, dois dias depois da minha mãe ter conversado comigo, três dias depois, e foi porque ela falou que nunca mais ia sair de casa de vergonha, eu tipo assim, falei “então eu saio, se a vergonha é sua, eu não vou viver com vergonha”. Aí aluguei um apartamento, uma quitinete, e tava indo embora. No dia que eu cheguei e minha mãe viu que eu tava arrumando as minhas coisas, que deu a briga. Mas ninguém aceitou de início, aí sai de casa (ENTREVISTADO 1).

Aí ele [o pai] falava pra mim que tinha muita esperança que eu tivesse uma namorada e um dia a gente brigou e ele falou que preferiria que eu fosse usuário de drogas ou que eu assaltasse, fosse do crime do que ser homossexual, que se eu fosse ele não aceitaria, que filho dele não poderia ser homossexual. Minha mãe chorou, ele também chorou, mas ele foi muito compreensivo. Eu pensei que ele ia ficar muito bravo, mas não foi assim. Ele só queria entender se realmente era isso, porque ele acha que é uma

opção e ficava pensando e questionando “é isso mesmo que você quer pra sua vida? Você quer ser diferente das outras pessoas?”. Nesse sentido. Eles acham que é uma escolha, que a gente escolhe. E ele ficava falando pra mim depois que eu me assumi que achava que era um momento, que ia passar esse momento de ser homossexual. Houve aceitação, a minha família materna foi muito tranquila, que vive no interior, foi muito tranquila. Foram bem acolhedores, inclusive. Os namorados que tive depois que me assumi, todos conheceram a minha família materna e foi muito tranquilo a receptividade. Agora na família paterna, não. É uma aceitação camuflada, disfarçada. Fala que não tem problema ser assim, mas quando tem alguma discussão dentro de casa ou quando tem alguma reunião de família sempre sai. Sai alguma brincadeira. Eu tenho muito problema com a família do meu pai desde que eu me assumi porque não posso levar namorado na casa da minha avó. A minha avó aceita numa boa, mas os filhos dela não aceitam que eu leve ninguém lá porque eles acham que isso é errado e ninguém chega pra mim e fala. Eles não chegam pra mim e falam, nem eles nem minhas tias, mas eles falam entre eles. Eles não lidam bem com isso (ENTREVISTADO 3).

Na verdade, descobriram por outra pessoa, então foi aquilo né, minha mãe veio em cima de mim. Mas depois eu fingi que não ia ser mais, depois que ela descobriu, mas depois eu me assumi de verdade. “Eu sou isso mesmo então não rola. Vou ser isso mesmo e é isso.” No começo não houve aceitação nenhuma. Meu irmão, ele não se metia, mas também não falava “ah, de boa, seja o que você é”. Mas minha mãe ela me proibia de sair porque ela achava que eu ia encontrar as meninas, alguma coisa assim, então ela não queria de jeito nenhum (ENTREVISTADO 7).

As consequências da não aceitação podem ser prejudiciais ao jovem, fazendo com que ele nutra sentimentos de inferioridade e acabe se excluindo do meio social, além de prejudicar de forma intensa a sua auto aceitação. Devido ao acolhimento negativo por parte da família, o jovem pode sentir culpa por não atender as expectativas que a família e a sociedade lhe depositaram (SILVA, 2011).

Dois (02) dos participantes revelaram que as pessoas as quais imaginaram que aceitariam bem no momento da revelação, foram as que tiveram mais dificuldade em compreender a situação, e as que não entenderiam, compreenderam de forma surpreendente.

Eu achei que minha mãe ia ser de boa porque 97,85% dos amigos dela são gays, então eu pensava “ah, então acho que pra ela vai ser de boa e tal”. Só que mais tarde não foi assim. Com meu pai que eu achei que ia ficar meio mais ou menos [...]. Eu pensava que minha avó não ia ser legal, porque hoje em dia ela é evangélica, mas ao mesmo tempo na época da gravidez da minha mãe ela foi muito carrasca, aí achei que não ia aceitar muito bem. Na verdade todo mundo que eu achei que ia ser bom foi ruim, na verdade só minha mãe que eu pensei isso. E as outras pessoas que eu achei que ia ter problema, foi tranquilo. [...] Pra minha mãe foi horrível, foi uma sensação ruim. Foram anos que eu chorei bastante, tinha dia que a gente brigava e eu ia pra escola e chorava, chorava no meio da aula. [...] Pra minha família por parte de pai não foi nada demais, foi só uma questão de “agora pode se falar abertamente sobre isso”. [...] Com ele foi muito mais tranquilo. [...] Minha avó me chamou no trabalho dela pra conversar porque ela percebeu que eu tava brigando bastante com a minha mãe, aí ela perguntou pra mim. Ela falou “quero perguntar pra você isso, não quero que você responda

ainda porque eu não vou te destratar porque eu cuidei de você desde criança e eu não tenho motivo pra isso”, ai eu contei pra ela e foi bem legal. Depois de um tempo ela me disse que orava pra minha relação com a minha mãe melhorar, e é isso (ENTREVISTADO 9).

Primeiro eu assumi pra minha mãe, depois de um ano eu assumi pro meu pai. Ter a minha irmã do meu lado foi muito bom porque eu conversei bastante com ela, ela me entendia mesmo sendo criada no mesmo lar que eu, ela me ouvia bastante [...]. O assunto foi surgindo de uma outra coisa e foi indo, foi indo quando caiu no assunto da homossexualidade e eu senti que aquele era o momento de falar e falei. Foi um momento de muito choro, mas também de um alívio enorme. Ela falou que ela já sabia, deixou claro que ia me aceitar do jeito que eu fosse, no entanto ela ainda acha que isso é errado, porque ela tem os princípios dela, os princípios cristãos, que ela acha mesmo que o fim pra isso não é legal e deixou claro que eu ia mudar algum dia, que isso era passageiro, era uma confusão minha, porque eu tava na adolescência e tal. O tempo foi passando, a gente ficou um ano ai sem meu pai saber [...], ai eu escolhi um momento de falar com ele [...] ai eu fiz todo um discurso, falei, falei, falei até chegar no ponto. Achei que ele ia me bater e eu já tava preparado pra isso, conversava olhando pra ele pensando numa forma de correr, de me safar e ele estendeu a mão pra mim e disse que podia contar com ele pro que eu precisasse, e eu não esperava uma reação dessa. Estranhei, mas fiquei feliz por dentro, mesmo sem saber como reagir (ENTREVISTADO 5).

Ao serem questionados sobre o acolhimento familiar, os participantes mostraram como a influência sócio familiar contribui no processo de revelação e aceitação da orientação sexual dos mesmos. Independente da orientação sexual do jovem, o mesmo coloca a família como algo extremamente importante devido a mesma ser sua primeira fonte de afeto, tendo assim como função fornecer suporte físico e emocional para o indivíduo, proporcionando assim um contexto ideal no qual o jovem irá aprender sobre a vida e o mundo (SAVIN-WILLIAMS, 2001 apud XAVIER, 2013).

Por muitas vezes esse apoio físico e emocional não acontece no processo, tornando o mesmo doloroso, devido aos julgamentos dados pela família ao jovem e pelas características que a mesma possui. Essa influência pode ser vista nas fala do seguinte entrevistado:

Ela falou que eu era doente, que se eu quisesse ela procurava um tratamento. Foi doloroso ouvir isso, doeu muito porque minha avó é o símbolo que eu tenho de mãe, é meu ponto de referência mesmo depois de morta. Então quando ela falou aquilo, foi como uma bomba e depois disso ela ficou dois meses sem falar comigo. Eu me sentia realmente um doente dentro da minha casa, só que ao mesmo tempo eu me sentia livre. [...] “Pelo amor de Deus, eu não posso falar pra ninguém se não eu vou apanhar”, por conta da família machista, dos tios machistas, né. Era dúvida, mas ao mesmo tempo eu pensava “tá gostoso isso”, foi bem complicada essa parte. Eu não posso fechar o olho, e eles às vezes acham que isso é uma doença e tem cura. Não, porque isso não é uma doença, então não tem cura. A solução disso é ser quem você é. Eu imaginava que a revelação seria assim por minha família ser tradicional, uma família arcaica, uma família que foi

criada nos princípios moralistas de que homem pra ser homem tem que, né, desculpa a palavra, comer muita mulher. Que mulher tem que ser submissa ao homem, claro que minha avó não era tão submissa, se meu avô chegasse bêbado em casa ela dava uns tapas nele. Mas que a mulher é pro serviço de casa e o homem não, pode pegar uma, duas, três, quatro e tá tudo lindo. Eu fui criado nessa família, eu fui criado nesse meio e todo meio que eu convivi era assim também. E se fosse gay, era afastado. Eu ficava receoso por este motivo, até porque eu já sabia que ia ter que enfrentar (ENTREVISTADO 6).

Mesmo com todos os percalços da revelação e aceitação, o jovem após este processo tende a sentir-se melhor por ter exposto para a família aquilo que escondia, iniciando assim uma nova fase na aceitação de sua identidade homossexual.

4.3.3 Sentimentos pós-revelação

A partir deste ponto da trajetória, inicia-se a fase do orgulho da identidade, fase a qual o jovem demonstra forte aceitação de sua identidade homossexual, mesmo que ainda exista alguma reação negativa contra ele por parte de outras pessoas e da família, demonstrando orgulho de ser quem ele é verdadeiramente. Acerca disso estão os sentimentos de alívio e liberdade por não se prenderem mais a este segredo que era tão temido (OLIVEIRA, 2012).

Dos dez (10) participantes, cinco (05) manifestaram esses sentimentos de alívio e liberdade, de serem donos da própria vida após a revelação e revelaram um pouco de desconforto em relação à situação vivida com a família, porém a mesma não fez com que esses sentimentos positivos desaparecessem. O entrevistado 7 afirmou que “parecia que eu peguei dois pesos e joguei fora. Eu me senti muito leve, muito leve mesmo. Foi uma sensação bem diferente”. Os demais participantes detalharam melhor os sentimentos que surgiram, como visto nas falas abaixo.

Senti alívio, mas assim, confesso que às vezes dá muita vergonha, dependendo da pessoa porque é como se você tivesse fazendo alguma coisa errada. Eu tenho uma tia mesmo que a gente tinha uma relação muito próxima, uma tia paterna, e depois que eu me assumi, acabou. Ela não fala mais comigo, ela não gosta que eu more com a minha avó, por exemplo. Ai é difícil essa parte, de você perder o afeto de algumas pessoas quando você se mostra quem você é. Mas por outro lado foi super bom, não tenho que fingir que vou arrumar uma namorada, que eu sou machão, sabe aquela coisa. Não vou ter que fingir ser uma pessoa que eu não sou (ENTREVISTADO 3).

Alívio, mas senti também mais responsabilidade no sentido de que eu teria que lidar com pessoas que não aceitam, com pessoas ignorantes. Eu lembro que eu me assumi, mas ao mesmo tempo eu queria ser um gay não

afeminado. Engraçado que o desconforto das pessoas às vezes com os gays é essa quebra de não ser másculo, do homem não se relacionar com a mulher, então eu queria ser um gayzinho mais machinho e eu não conseguia porque não era eu. Eu tive alguns problemas de entender como eu era, de quem era eu, foi basicamente isso (ENTREVISTADO 5).

Alívio, com certeza. Mas também um pouco de medo assim... não medo, tipo assim, pena por fazer as pessoas meio que sofrerem. Porque tava todo mundo bad por causa de mim e eu não gosto disso. Mas ao mesmo tempo tava aliviado, tranquilo assim, na minha cabeça (ENTREVISTADO 10).

A primeira coisa foi vontade de sair na rua e gritar pra todo mundo. Porque é aquele negócio, eu me senti tão dono da minha vida naquele momento, foi o momento em que eu mais me senti assim. De todas as decisões, essa foi a mais importante que eu tomei na minha vida, de assumir quem eu sou. Então a minha vontade era gritar pra todo mundo “eu sou Pablo mas eu sou gay, gosto de homem”. E dizer pra todo mundo que eu sou normal, apesar de todo mundo pensar que eu era doente. Me senti tão bem junto com tudo isso. Um pouco de tristeza por causa da minha avó, porque eu entendo o lado dela, entendia o lado dela também. Era difícil né, eu fui comentário do meu bairro. Imagina, minha avó muito conhecida no bairro, muito tradicional, a gente muito de igreja, eu já tinha ido pro seminário, tinha voltado do seminário... mas isso foi muito importante pro meu futuro (ENTREVISTADO 6).

Mesmo que exista o desconforto após a revelação, o jovem sente que ao revelar-se, assume o controle de sua própria vida, colocando sua auto aceitação em primeiro plano, em busca de um futuro melhor e sem segredos.

Do total de participantes, três (03) expressaram sentimentos negativos relacionados à família após a revelação, devido a mesma não ter sido da forma que planejava e pelas consequências causadas.

Senti tristeza. Não foi uma revelação boa pra eles, então foi só tristeza. Ainda mais que eu me olhava no espelho e via aquele monte de hematoma do que tinha acontecido né, então eu passei por um momento muito depressivo, vamos dizer assim (ENTREVISTADO 1).

Então, por parte de pai foi alívio porque eu teria mais liberdade. Quando minha mãe contou pro meu pai e pra minha madrinha, eu não me senti bem, não gostei porque eu não queria que outros tivessem contado por mim, não queria. Na época eu não gostei, mas hoje em dia eu penso que eles já sabiam mesmo, então... só queria que tivesse sido mais fácil, que não tivesse sido essa coisa. Com minha mãe foi difícil, foi triste, foi ruim mesmo (ENTREVISTADO 9).

Eu achava que ia me sentir mais leve, mas eu achei que mexeu ainda mais comigo, então eu tenho tido muitos medos, muita insegurança. Ainda há crises. Não me senti ainda completamente liberto, sabe? Eu não me aceito ainda completamente (ENTREVISTADO 2).

Os sentimentos negativos que surgem após o momento de revelação podem ser resultados de violência física ou psicológica, que podem ser oriundas do medo da família em relação a descoberta de uma orientação sexual fora do padrão normal considerado por eles (SOLIVA, 2010). A violência psicológica, de certa forma, pode

ser vista no relato do entrevistado 2, quando o mesmo conta que pensou que se sentiria melhor, porém as crises de ansiedade e pânico se tornaram mais recorrentes. A violência física é constatada no relato do entrevistado 1, que demonstrou tristeza pelo processo e pelas marcas que sofreu, resultantes de vários hematomas de uma violência sofrida pelo pai.

“A violência está fortemente vinculada à qualidade das relações domésticas, ou seja, das relações mais íntimas, nas quais a violência é absorvida de forma silenciosa, causando danos catastróficos no processo de formação da subjetividade da vítima” (SOLIVA, 2010, p. 5). A mesma pode acarretar marcas profundas no jovem e lhe causar sofrimento, podendo gerar situações onde o mesmo fique vulnerável e tenha uma visão negativa de sua orientação sexual (Idem, 2010).

Advindo da revelação, surgem as consequências da mesma no jovem, que podem ser internas, acrescentando algo em sua personalidade, ou externas, na forma de portar-se, no domínio do seu próprio corpo.

4.4 CONSEQUÊNCIAS DA REVELAÇÃO

As consequências da revelação podem surgir tanto no jovem, especificamente, como em seu comportamento. Costa (2008), citado por Venâncio (2010) pontua que a revelação do jovem sobre sua orientação sexual permite que o mesmo tenha uma imagem mais positiva de si, tendo relacionamentos mais saudáveis, beneficiando assim sua vida social.

4.4.1 Consequências da revelação no jovem

De forma geral, é importante que os jovens assumam a sua orientação homossexual diante da família, pois assim os mesmos tendem a aceitar-se de maneira completa, aceitando seu jeito de ser, elevando assim sua autoimagem e autoestima, referindo-se ao modo de como o indivíduo olha para si mesmo, de como ele se valoriza (FRANÇA, 2009), como relatou o entrevistado abaixo:

Tudo mudou. O meu jeito de agir mudou, a minha personalidade, não que eu tivesse duas, mas ela enfim se formou. Porque enquanto a gente não se assume, a nossa personalidade é aquela coisa mais fechada, você não pode ser quem você é. E quando eu me assumi, mudou isso, mudou tudo. A

minha personalidade, o meu jeito de ser comigo mesmo, a minha própria aceitação que eu disse lá no começo que eu achava que eu era doente e que tinha nojo de mim. Eu comecei a me olhar no espelho mesmo e dizer eu te amo. Eu te amo, eu sou feliz (ENTREVISTADO 6).

Além da autoestima e autoimagem, constatou-se que o jovem se torna dono de sua própria vida, ganhando coragem para enfrentar os percalços que possam surgir e afirmando assim sua existência, dando vazão para seus reais sentimentos.

A gente se sente mais dono da própria vida. A gente assume a própria existência, igual quando a gente assume que é adulto. Agora eu tenho que trabalhar e me cuidar, me guiar. É uma coisa muito mais forte do que isso quando você se assume gay, porque você tá assumindo a sua vida, tá finalmente assumindo quem você é. “Então pera ai, vamos deixar de teatro, vamos viver a vida como ela é de verdade”, então isso tem um custo muito alto. Não devia ter, mas tem né, porque quando a gente se revela, a sociedade não tá muito ai, tá caminhando ainda, mas esse caminhar não devia nem existir mais, eu acho que a gente já tinha que ter uma sociedade preparada porque se fala disso a muitos anos. Quando a gente se assume é uma mudança muito grande, interiormente. Você tem mais coragem, vamos dizer assim (ENTREVISTADO 1).

O que mudou foi que eu sinto que fui mais respeitado como adulto mesmo, minha mãe começou a lidar comigo como adulto. Senti também que o que mudou foi que eu finalmente podia me relacionar com as pessoas, comecei a dar vazão pra isso, pros desejos que eu sentia e tal (ENTREVISTADO 5).

A auto estima é um fator determinante para o melhor desenvolvimento da identidade homossexual e sua plena aceitação, possibilitando de tal modo uma melhor inserção no meio social. Porém mesmo ganhando encorajamento para externalizar seus verdadeiros sentimentos e desejos, o jovem pode ganhar também a desconfiança da família, que devido a revelação, ainda pode estar de luto de tudo aquilo que planejou para o filho, situação relatada na fala do entrevistado 7:

Ela [a mãe] começou a me proibir de sair, não confiava mais em mim e antigamente ela confiava 100% em mim, tudo que eu ia fazer ela ficava meio assim. Qualquer amiga que me ligava, qualquer coisa ela já achava que era outra coisa, que era segunda intenção. Ela sempre pensou assim.

O revelar-se para a família aliado com a religião pode resultar em uma determinação maior, fazendo com que o jovem busque auxiliar outros jovens em situação similar a que o mesmo vivencia, porém o medo ainda é presente quando este está inserido nesse âmbito, como relatado pelo entrevistado 2:

Mudou que eu quero vencer primeiro essa crise, essa depressão, porque eu sou um menino muito religioso, então eu quero ajudar outras pessoas, amigos que eu sei que é e que tem os mesmos jeitos que eu e são de igreja a conversar, poder chamar eles pra uma conversa e tal. [...] Eu não sou mais o mesmo Ricardo [nome fictício]. Infelizmente eu me afastei um pouquinho da igreja. Um pouquinho não, um poucão, mas eu não quero. Quero estar sempre na presença de Deus, só que eu tenho medo de ir pro inferno por causa disso.

Ser homossexual e estar inserido e ativo em alguma religião ainda é um ponto a ser discutido devido as doutrinas que a mesma traz através da história, que consideram a homossexualidade como pecado, condenando o indivíduo e gerando o medo, como vista na fala do entrevistado 2, que relatou medo de ir para o inferno por sua orientação sexual.

Três (03) dos dez (10) participantes afirmaram que ganharam liberdade em relação a si, mostrando suas reais vontades e realizando a socialização, e em relação à família, a qual podem conversar sobre sua vida sem precisar esconder-se ou trabalhar para que isso ocorra, podendo buscar ajuda externa.

Com minha família por parte de pai, foi a questão da liberdade. Agora com minha mãe, eu acho que, eu não sei se mudou. Ela ainda não fala abertamente sobre o assunto, de vez em quando que ela fala quando conversamos. Mas ela tá melhor com isso e tal, ela procurou psicólogo e tudo (ENTREVISTADO 9).

E foi assim, libertador também porque eu podia ter namorado, porque eu não pensava nessas coisas. Na minha adolescência enquanto os meus amigos tinham namoradas, minhas amigas tinham namorados, eu só me interessava em brincar e estudar, isso era apagado, eu não tinha e agora eu tenho, poder me relacionar também (ENTREVISTADO 5).

Pra mim tá muito melhor porque eu posso conversar com a minha mãe, com meu pai e com a minha irmã tudo o que passa na minha vida, não tenho nada pra meio que esconder. E eu acho que pra mim mudou no futuro, quando eu sair de casa, por exemplo, ela vai poder ir na minha casa, ela vai poder ir num churrasco de família, vai poder continuar participando da minha vida, porque se eu tivesse meio que no armário ainda, teoricamente assim, ela não ia poder ir na minha casa porque se ela soubesse... tipo assim, não poderia ir porque talvez ela ia descobrir, entendeu? Ai ia brigar, não sei o que ia acontecer. Enfim, é isso (ENTREVISTADO 10).

A revelação de sua orientação sexual gera no jovem o sentimento de liberdade e honestidade, refletido também nas suas relações sociais, principalmente com a família, que é apontada como a principal base do indivíduo (XAVIER, 2013). Isto foi observado na fala do entrevistado 10 que relatou a liberdade que tem para conversar com a família sobre tudo o que acontece em sua vida, relatando também a melhor que isso pode acarretar no futuro.

A partir da discussão das consequências da revelação no jovem, é possível relacionar a mesma com as consequências no comportamento do indivíduo, correlacionando assim a última fase da identidade homossexual.

4.4.2 Consequências da revelação no comportamento do jovem

O comportamento do jovem a partir do seu revelar para a família é alterado, mostrando que certas características fazem parte do seu eu, o integram em todos os aspectos. Sua mudança pode ser constatada nas relações sociais, nas quais os indivíduos vivenciam sua homossexualidade e não se importam com a opinião dos outros. Essa fase pode ser classificada como a última da identidade homossexual, nomeada como síntese da identidade (OLIVEIRA, 2012).

Essa síntese pode ser constatada como forma de autodefesa e defesa de sua orientação, não deixando que outros a desconsiderem e a diminuam, como relatado pelos entrevistados abaixo.

Mudou, eu acho que eu tive que criar um escudo, digamos assim, uma armadura porque, qualquer coisa eu precisava me defender porque minha mãe ia me expulsar de casa ou coisas assim. Acho que eu tive que criar uma imagem mais... pomposa, eu diria. Desde criança eu já andava assim, dançando, hoje em dia eu ando desfilando. Eu andava com alegria mas hoje eu ando com força, entende? Porque era uma coisa de se defender. Igual na escola falavam “ah, viadinho, viadinho”, eu batia de frente com as pessoas, pra me defender. Igual hoje, trabalhando com a Roberta [nome fictício] que eu tenho tentado aflorar mais meu lado sentimental. Não que eu não fosse sentimental, eu sou sentimental só que hoje em dia tá melhor em relação a família. Basicamente isso (ENTREVISTADO 9).

Ah mudou! Eu, assim, também não falo “pai, eu sou gay não sei o que, não sei o que, por isso que eu acho isso, isso e isso”. Mas numa discussão, eu totalmente puxo pro lado, pro meu lado, então acho que foi isso que mudou. Antes eu não discutia como assim “estou defendendo os meus direitos” (ENTREVISTADO 8).

Também pode ser vista como uma forma de abertura, a qual o jovem não tem vergonha de dizer sobre sua orientação e demonstram felicidade por serem do jeito que são, como relatou o entrevistado 7, “eu fiquei bem mais aberta. Eu falava mesmo que eu era quando as pessoas me perguntavam. Às vezes não me perguntavam, mas eu falava. Acho que era pelo meu jeito também, tava feliz por ser o que eu era”. Isso também pode ocorrer com um jovem que esteja em um âmbito religioso, conforme relatado pelo participante abaixo:

Completamente. Eu só sei falar pras pessoas que Jesus me ama do jeito que eu sou e que eu tenho que ser feliz, então muitas coisas que estão pregando na igreja, que eu vejo assim, não corresponde aos meus pensamentos que eu tô tendo hoje em dia não. Tô vendo que Jesus me ama do jeito que sou e quero ser feliz e pronto. Porque eu tenho o direito de ser feliz, de amar (ENTREVISTADO 2).

Essa síntese da identidade é uma forma do jovem mostrar-se autêntico, revelando seus trejeitos e características que o compõem, sem dar importância a opinião alheia, mostrando que não são definidos pela sociedade majoritariamente heteronormativa, como relatado por 4 (quatro) dos dez (10) participantes.

Mudou, com certeza. Porque antigamente eu era muito... tentava não transparecer que eu era homossexual. Mas hoje em dia, se eu sou afeminado, se eu sou masculino demais, ou estranho demais, eu não ligo mais. Porque pra mim sou o que sou, não o que dizem. Mas antigamente eu tinha preocupação de não dar pinta de forma nenhuma se não iam descobrir e iam contar pros meus pais ou iam, sei lá, me humilhar. Hoje em dia se alguém me chamar de viado, por exemplo, eu penso “ok, tudo bem, não faz diferença mais” (ENTREVISTADO 10).

Mudou, mudou sim. Antes eu era bem preso, então assim, não podia mexer muito com as mãos, tinha que tomar cuidado com a maneira que eu tava andando, as minhas calças tinham que ser sempre tudo muito largas, as minhas roupas todas tinham que ser largas, não podiam ser nada muito justo. Meu corte de cabelo também. Ai depois que eu contei, eu tô mudando até hoje, mas eu uso umas roupas mais justas, furei a orelha, coloquei brinco, mudei o corte de cabelo e eu gesticulo mais. Não fico e não me sinto preso mais quando eu quero falar. Não tenho aquela coisa de “nossa, eu tenho que falar grosso. Nossa, eu tenho que ter barba. Nossa, eu não posso mexer a cintura. Nossa, eu não posso rebolar. Nossa, eu não posso isso e não posso aquilo”. Agora é mais solto, mais tranquilo (ENTREVISTADO 3).

Mudou porque eu fiquei mais solto. Antigamente eu era assim, de conversar mais era assim, mais quieto um pouco. Logo depois eu me soltei. Me tornei mais comunicativo. Eu até brinco muito com meu irmão e falo que “será que é mal do viado?”. A gente brinca muito assim eu e ele, porque a gente tem essa liberdade um com o outro. Será que é mal do viado ser comunicativo? (risos). Eu me tornei assim e comecei a me interessar mais por outras coisas que eu tinha vontade de fazer, por exemplo, decoração. Mas se eu fizesse antes, era coisa de gay. Então foi mudando isso, eu fiquei mais alegre, comecei a gesticular mais, a falar com a mão. Porque eu acho que é uma coisa que é típico nosso, o corpo fala junto com a voz. [...] Então depois de assumir, sem máscaras, eu posso ser quem eu sou. Então falo com o braço, com perna, afino a voz, falo “nhai”. Foi isso (ENTREVISTADO 6).

Mudou, eu me senti mais dono de mim, como eu já disse. Porque tipo, como eu me senti mais assim “sou eu agora”, eu pude me libertar de muita coisa, então eu comecei a me portar do jeito que eu realmente achava que eu devia me portar, sem esconder alguns trejeitos, então eu me senti mais leve. Você fica mais leve e isso é muito bom, porque ai você para de ficar tão duro. Eu era muito duro, era muito reprimido, era muito tímido, ainda achava que era errado pela criação que eu tive, então me senti mais liberto, tudo ficou mais ao meu alcance (ENTREVISTADO 1).

Esses relatos demonstram o quão importante é o processo da identidade homossexual, no qual o mesmo aborda pontos essenciais da revelação e da relação do jovem com a família neste processo, mostrando também a importância da mesma.

4.5 ACOLHIMENTO FAMILIAR ATUAL

Após todo esse questionamento aos participantes, a entrevista foi encerrada com a seguinte pergunta: como está a relação com sua família atualmente? Dos dez (10) entrevistados, cinco (05) relataram que o acolhimento familiar atual é positivo; três

(03) negativos; um (01) em que só uma parte da família é positiva e um (01) que não relatou mudanças sobre isto.

Segundo Xavier (2013, p. 44) “o desenvolvimento psicológico do sujeito que faz coming out [revelação da homossexualidade] decorre lado a lado com o desenvolvimento psicológico das pessoas que lhe são significativas”. A partir desta premissa, podemos relacionar as falas dos entrevistados com a afirmação do autor.

Pode-se constatar através da maioria das falas dos participantes que o seu desenvolvimento e amadurecimento da identidade homossexual deu-se concomitantemente com o processo em relação à família. Como citado anteriormente, cinco (05) entrevistados afirmaram que a relação com a família está fluindo de forma positiva, onde a mesma aceita a orientação sexual do jovem e se mantém em processo constante de aceitação e acolhimento.

Atualmente tá tudo bem. A minha mãe já aceita, já fala, já pergunta. Até na própria época depois, não durou muito tempo, mãe é mãe, mãe não consegue viver sem o filho, ela achou, descobriu onde eu tava e foi atrás de mim e disse pra eu voltar pra casa. [...] Por parte da minha mãe e do meu irmão não tem mais problema, mas meu pai ainda é bem da roça, que homem deve ficar com a mulher e que homem com homem é errado. Então assim, a gente não conversa sobre isso em hipótese alguma. [...] O restante da família, todo mundo aceita. Quando eu voltei a morar com a minha mãe, a gente teve uma reunião de família e o meu namorado foi comigo. [...] Ai todo mundo começou a fazer a maior festa, vieram em cima de mim e me levantaram e falaram “finalmente, finalmente! A gente espera por isso a muitos anos, que você se revele porque a gente te ama”. Todo mundo aceita muito bem, tanto por parte da minha mãe quanto por parte do meu pai. [...] É uma segurança muito maior, ainda mais quando você impõe isso, que eu também impus “ou você me aceita do jeito que eu sou ou eu vou embora”. Então todo mundo acabou aceitando bem. Conversa, pergunta, as tias, meus primos, todo mundo fala bastante, aceita bem (ENTREVISTADO 1).

Minha relação tá boa. Minha relação com a minha mãe e a minha irmã é bem aberta, a gente se ajuda, temos planos de morarmos juntos, de se ajudar também, minha irmã bem provável que ano que vem venha morar comigo, minha mãe também quer vir pra cá. O meu pai fica lá no sul, de vez em quando ele me liga pra perguntar se eu tô bem, mas é algo meio assim “tô bem, tá tudo certo”. Eu não vou mentir de que eu não sinto saudades dele, eu queria falar mais sobre isso, mas eu sinto como se ele não quisesse saber, então eu fico nisso. “Querida falar, mas você não quer ouvir”, ou então isso pode ser algo que eu ache também, não sei. É assim, a minha relação com eles tem sido boa (ENTREVISTADO 5).

O acolhimento familiar atual positivo se mostra eficaz no crescimento psicológico do jovem, o qual ganha mais segurança para trilhar seu caminho e eleva sua auto estima, pois o mesmo sabe que não tem que esconder nenhum segredo e que sua primeira fonte de amor e carinho o aceitam com suas verdadeiras características.

Com a minha família aqui, mãe, perfeita. Nessa parte, porque problema familiar todo mundo tem (risos). Mas nessa parte de sexualidade é muito tranquilo porque ela não se mete. Agora por parte de pai, pela minha avó que eu fui criado, minha família conversa comigo mas ninguém toca no assunto. [...] eu tenho liberdade assim, com meus primos e tios de consideração. Com eles dá, agora com minha família mesmo, não falo sobre isso, apesar de saberem, de eu ter os meus trejeitos, eu não mudo, não disfarço, só que chegar e conversar e falar que conheci um menino e tal, jamais. Até porque se eu quero respeito, eu preciso respeitar o limite deles. Mas no mais eu acho que a relação é boa, acho muito gostosa. Acho que o respeito é a base de tudo e nós temos de sobra. Acho que nós somos bem resolvidos (ENTREVISTADO 6).

Atualmente, com minha mãe, tá melhor, bem melhor mesmo. Estamos numa fase melhor, não estamos brigando sempre. Estamos voltando a nos falar com mais facilidade como era antigamente antes de eu me assumir. Com a família por parte de pai eu acho que não mudou muito, eu acho que sou mais livre com eles, mas não mudou muito por eu não estar muito próximo deles, o que eu tenho tentado mudar. Tenho uma tia que já pergunta pelos namoradinhos (risos). Minha prima, a gente conversa abertamente sobre isso, ela me conta dos namoros dela e eu dos meus casos, até porque eu nunca namorei. Minha madrinha também eu falo mais abertamente, minha avó é mais próxima, mas por trabalhar muito acabamos ficando um pouco distantes. Mas ela sempre pergunta e tal, mas nunca chegou a perguntar de namorado não. Tem muita coisa pra ser trabalhada, mas tem mudado pra melhor (ENTREVISTADO 9).

O entrevistado 3 relatou que somente a família materna aceita e acolhe a sua orientação, dando todo o apoio necessário, e que a família paterna ainda se mantém resistente perante a aceitação, o que acaba gerando conflitos e um certo distanciamento de alguns membros da família.

Com a família materna tá tranquila, super tranquila, agora com a família do meu pai, não. É conflitante e sempre vai ser conflitante. Pelo fato deles não aceitarem muito bem, eu tenho muitos problemas assim. Inclusive agora eu tô tendo muita pressão, os meus tios querem que eu saia da casa da minha avó. Já tem um tempo, desde o início do ano passado eles querem que eu saia. E sempre que tem reunião de família ele retomam essa questão, se eu saio ou não. Ai por causa da influência do meu pai, eu ainda fico lá com os meus avós, que são sozinhos né, ai meu pai prefere que eu fique lá. Mas eles querem muito que eu saia de lá. Desde que eu me assumi é essa pressão assim que eu tenho que sair, tenho que sair, tenho que sair. E um certo distanciamento também com os meus tios e tias (ENTREVISTADO 3).

Em contrapartida a essa aceitação, mesma que seja de forma parcial, três (03) entrevistados relataram que a sua relação com a família não avançou muito desde a revelação devido à incompreensão e preconceito ainda existentes. O entrevistado 7 contou que, “Eu não converso sobre isso, com ninguém. Tô na minha”, fala que também foi narrada pelo entrevistado 4, “Eu não falo sobre isso, eles não perguntam e a gente segue a vida. Todo mundo muito bem enquanto não falar sobre o assunto.” Este tópico também foi relatado pelo entrevistado 2:

De 0 a 1, posso classificar assim? Tá 5. Acho que vai ficar 5 a vida inteira porque, sei lá, só queria que eles pudessem compreender. Igual hoje eu

conversei um pouco com eles sobre a crise. Eu tive crise e tal, faz três dias que eu não durmo direito, aquela coisa ruim como se eu fosse morrer, um aperto, aquela coisa, ai eles falam que isso tudo é frescura. Só que não é. Só quem tá passando por isso sabe o que que é. Se assumir não é fácil. Eu me assumi com 24 anos. Tá sendo difícil até hoje. Só queria ter uma possibilidade, o prazer de um dia encontrar alguém pra estar do meu lado, de compartilhar as coisas. É isso.

Acerca desta análise e discussão sobre o acolhimento familiar, podemos concluir assim que nem sempre o desenvolvimento da homossexualidade do jovem é compreendida pela família e que a mesma por conta de preconceitos e preceitos arraigados acaba gerando a intolerância e a distância dos seus parentes.

4.6 SEXO FEMININO: MEDOS E DIFICULDADES EM REVELAR-SE HOMOSSEXUAL

Na presente pesquisa, de dez (10) participantes apenas dois (02) são do sexo feminino. A busca por mais participantes deste sexo foi grande, porém a recusa em participar do estudo foi proporcional à mesma devido à insegurança e o medo.

Palma e Levandowski (2008) pontuam que muitas mulheres homossexuais, por receio de se revelarem, tiveram algum relacionamento com homem. Desta forma não assumem seus reais desejos, que por muitas surgem logo na infância. As mesmas autoras completam que são poucas as mulheres que adquirem a maturidade para sua aceitação e, conseqüentemente, para a revelação de sua homossexualidade para família e amigos.

Muitas famílias consideram a homossexualidade como uma fase, esperam que em algum momento isso mude ou acabe. Essa conduta familiar faz com que a mulher se reprima devido ao preconceito e intolerância existentes, tornando a família a sua principal fonte de preocupação no caso da revelação. A homossexualidade feminina está em um caminho de maior atenção, ganhando um pouco de visibilidade, porém este caminho ainda tem muitas dificuldades, de ambas as partes, família e mulher (PALMA; LEVANDOWSKI, 2008). Das duas (02) mulheres, uma (01) não tem a sua orientação sexual assumida para a família e será a partir dela que discutiremos o assunto neste subcapítulo.

O medo e a insegurança são pontos recorrentes na vida de um indivíduo homossexual e o tabu do silêncio é algo que persiste em calar a voz e fazer com que

o mesmo se esconda, como se não tivesse um passado, um presente e direito a um futuro melhor (OLIVEIRA, [2006?]). Essa ainda é a realidade de muitas mulheres, que por conta de uma sociedade predominantemente heterossexista continuam se escondendo e não vivenciam sua identidade homossexual de forma plena.

A entrevista continha perguntas padrão para ambos os participantes (assumidos ou não). A partir do momento em que os mesmos respondiam que não eram assumidos para a família, as perguntas se tornavam diferenciadas das que foram feitas aos participantes assumidos.

Godoy (1997, p.100) afirma que “as lésbicas vivem homoeroticamente no ‘pacto do silêncio’ e na clandestinidade, contingência do fato de estarem inseridas numa sociedade hegemonicamente patriarcal e heterossexual”. A estrutura familiar na qual a mulher é criada tem grande influência no desenvolvimento da homossexualidade e no seu revelar-se.

A participante em questão foi criada em uma família extremamente tradicional, na estrutura pai provedor, o que trabalha fora para sustentar a família, e mãe dona de casa, a qual o dever é cuidar da casa e dos filhos, correspondendo ao modelo tradicional de família em que o homem torna-se o provedor, chefe de família, e a mulher tem o dever de cuidar dos filhos, tornando-se a chefe da casa (SARTI, 2011).

A educação (formal ou informal) recebida pelo jovem tem papel crucial, pois é neste âmbito que os valores e condutas são adquiridos, fortalecendo assim os laços familiares, onde a família representa o primeiro grupo social que realmente tem influência sobre o indivíduo e que também é influenciado por outros grupos, mantendo assim o papel de reproduzir o modelo aprendido, majoritariamente incorporado pelo jovem (OLIVEIRA, [2006?]).

Diante da pergunta “já se assumiu para a família? Por que?”, a participante respondeu:

Não. Justamente porque eu conheço eles e eu sei como que é a cabeça e tal. O meu irmão eu sei que talvez ele aceitasse, mas a minha irmã, por exemplo, tenho certeza que ela vai cortar contato comigo, pelo menos inicialmente assim, entendeu. E é uma coisa que não dá pra separar. Eu tenho sobrinhos pequenos que eu sei que na cabeça dela é algo totalmente bizarro, você ter um homossexual em casa e ter criança porque ai você vai educar errado as crianças, entendeu? Isso ai ela já deixou claro várias vezes. Ela dá essas indiretas, então eu deixo quieto, não falo sobre o assunto lá em casa (ENTREVISTADO 4).

Britzman (1996), citado por Dinis e Cavalcanti (2008), pontua que o medo de ter um homossexual em casa ou ter o mínimo contato com um pode ser considerado pelos pais como um incentivo a atitudes homossexuais, pois os mesmos consideram o homossexual como um indivíduo perigoso ou contagioso, algo errado, pensamento que está sendo trabalhado nas escolas, a fim de ensinar o real significado da homossexualidade.

A seguir, a participante explicou que a sua relação com a família sobre este tema é nula. A mesma não fala absolutamente nada sobre o assunto e a família também não demonstra o mínimo interesse em discuti-lo. Ao ser questionada sobre o que poderia acontecer caso assumisse a homossexualidade para a família, respondeu:

É isso que eu falei da minha irmã que provavelmente vai me excluir da vida dos meus sobrinhos e da dela por um tempo, talvez no futuro ela mude de ideia, mas o meu pai, por exemplo, não sei como ele vai reagir. A minha mãe vai rezar por mim, pela minha alma e sei lá, talvez meu irmão aceite, também não sei dizer com certeza (ENTREVISTADO 4).

Os temores de serem alvos de discriminação, exclusão e até mesmo violência (psicológica e física) fazem com que as mulheres continuem em silêncio. Além disto, algo que reprime a revelação é a hegemonia cultural que perpetua na sociedade e também nas famílias, as quais esperam que a mulher case com um parceiro do sexo oposto, tenha filhos, cuide da casa, mantendo-se sobre o padrão e expectativas já estabelecidos (VALADÃO; GOMES, 2011).

O fato do indivíduo não ter uma aceitação familiar faz com que muitos continuem se escondendo, vivendo uma vida de aparências. Esse esconder-se é devido ao preconceito existente e ao medo de enfrentar a família e isto resultar no isolamento do jovem, o que ficou claro quando a participante foi perguntada sobre o que mudaria caso fizesse a revelação. A mesma afirmou que mudaria a “convivência familiar. Todos os benefícios que eu tenho dentro de casa, como poder pegar o carro, faculdade, eu não sei se isso vai continuar. Sinceramente, não sei” (ENTREVISTADO 4).

A participante contou que perder o contato com familiares e não saber como eles a olharão a partir disto são seus maiores medos e dificuldades em relação à revelação, como visto na fala a seguir: “perder a convivência dos meus sobrinhos e eu não sei como é que a minha mãe vai me olhar. É uma coisa que mexe muito comigo. Eu não sei. É isso” (ENTREVISTADO 4).

O medo de perder aquilo que é considerada a sua primeira fonte de afeto e o seu primeiro vínculo social são pontos decisivos para o indivíduo manter a sua orientação sexual em segredo. Ao se assumir homossexual, o jovem pode mudar toda a dinâmica familiar existente, mudando também o status do seu vínculo com a família, que pode chegar ao desaparecimento (GHIORZI; TARNOVSKI, 2015). Ser deposta do seu lugar na família e vista como uma estranha mexe muito com a participante, motivos que podem trazer prejuízos ao seu psicológico e a sua estima.

Não se pode generalizar e afirmar que todas as mulheres passam pela mesma situação, porém a presente participante mostra o quanto ainda é difícil se revelar e ser homossexual em uma sociedade, em sua maioria, heteronormativa (VALADÃO; GOMES, 2011). As respostas dadas pela mesma, que se emocionou durante a entrevista, demonstram que o medo da não aceitação, do preconceito e o rigor religioso são pontos fundamentais na justificativa da não revelação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou, como principal objetivo, a compreensão dos fatores que influenciam o jovem a revelar sua homossexualidade para a família, compreendendo também a sua história.

A dicotomia tradicionalismo/modernidade foi o ponto de partida para a compreensão dos fatores que levam o jovem a assumir a sua orientação sexual. A forma como o mesmo foi educado, por uma família patriarcal ou monoparental, influenciou na sua sexualidade, que na maioria das famílias ainda é um tabu.

Ao perceber-se, o jovem tende a viver um turbilhão de emoções e a partir disto inicia seu processo de aceitação da identidade homossexual, passando por fases de negação, chegando a considerar a sua orientação como doença, pecado ou algo extremamente errado; aceitação, onde o jovem aceita sua identidade homossexual e síntese, momento no qual o jovem se apropria de suas características e as demonstra sem medo da opinião alheia.

Este processo de aceitação da identidade homossexual acontece concomitantemente com o processo de revelação de sua orientação para a família, momento que por muitas vezes pode ser doloroso devido ao fato do jovem precisar lidar com o preconceito, discriminação e rejeição da mesma, que é sua primeira fonte de afeto. Mesmo que o acolhimento familiar logo após a revelação não seja positivo, é predominante no jovem o sentimento de alívio e liberdade, de tornar-se dono de sua própria vida.

Todo este processo acaba desencadeando consequências no jovem e em seu comportamento. Ao revelar este segredo, o jovem tende a melhorar sua autoimagem e autoestima, justamente por não ter que fingir características que não são suas. A partir disto, o seu comportamento muda devido a apropriação de suas reais características, as quais não tem receio de demonstrar.

Este processo, com a maioria dos jovens, não é fácil por envolver o sofrimento do jovem e também de sua família, que por preceitos e condutas tomadas como verdades absolutas, não compreendem de imediato a situação. Este quadro pode se modificar, no qual a família começa a entender o processo que está acontecendo com o jovem e aceita a sua orientação, porém esta não é a realidade majoritária.

Um adendo importante é a questão da homossexualidade feminina, que ainda é cercada de muito medo e insegurança devido a sociedade predominantemente heteronormativa, o que limitou a obtenção de participantes do sexo feminino. Outra limitação deste trabalho foi a grande quantidade de material em língua estrangeira, o que dificultou a sua utilização.

A compreensão de como este processo ocorre nas famílias é de suma importância devido a grande discriminação e preconceito que os jovens homossexuais ainda sofrem. A partir disto é preciso a atenção e dedicação do meio científico brasileiro na produção de pesquisas relacionadas à homossexualidade no espaço familiar, promovendo um trabalho específico com o primeiro grupo social do jovem, a família, onde o mesmo aprende sobre a vida e o mundo, para que o acolhimento familiar seja sem sofrimento ou pelo menos com a sua redução, condicionando assim o melhor desenvolvimento pessoal e social do jovem homossexual.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H.W. **Espaços de juventude**. In: FREITAS, M.V. de; PAPA, F. de C. (Org.). Políticas públicas juventude em pauta. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ABRAMO, H.W.; VENTURI, G.; BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. 1. ed. Editora Instituto Cidadania, 2005.

ABRAMOVAY, M. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ALVES, R.R. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, 2, 2009, Goiânia. **II Seminário de Pesquisa**. Goiânia: UFG/UCG, 2009. 1-14. Disponível em <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_RoosembergAlves.pdf>. Acesso em 26 de outubro de 2015.

ANJOS, G. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 4, Dec. 2000 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222000000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 de abril de 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BAZZO, R. O bem estar e a auto aceitação do homossexual. **Portal Comunique-se**, 2013. Disponível em <http://portal.comunique-se.com.br/index.php?option=com_dino2&releaseid=15632>. Acesso em 03 de março de 2015.

BENTO, L.M.; MATÃO, M.E.L. Homossexualidade processo de revelação da sexualidade: uma experiência homossexual. **Estudos**. Goiás, v. 39, n. 4, p. 507-521, Out/Dez. 2012. Disponível em <<http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/view/2664>>. Acesso em 21 de outubro de 2015.

BIROLI, F. **Família: novos conceitos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

BOCK, A.M.B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOZON, M.; HEILBORN, M.L. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In: HEILBORN, M.L. et al. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

BRAGHIROLI, E.M.; PEREIRA, S.; RIZZON, L.A. **Temas de Psicologia Social**. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BRANDÃO, C.R. **Identidade & Etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003, 382 p.

_____. Resolução nº 175 de 14 de maio de 2013. **Conselho Nacional de Justiça**. Disponível em <http://www.cnj.jus.br/images/resol_gp_175_2013.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2015.

_____. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069Compilado.htm>. Acesso em 14 de outubro de 2015.

_____. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. I Conferência Nacional de Juventude. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2006. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Juventude/texto_bas_e_1_conferencia_juventude.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2015.

BRITO, F.S. Mulher chefe de família: um estudo de gênero sobre a família monoparental feminina. **Rev. Urutagua**. Paraná, n. 15, abr./maio/jun./jul., 2008. Disponível em <<http://www.urutagua.uem.br/015/15brito.htm>>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

CAMPOS, C.J.G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. bras. enferm.** Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, Out. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 de abril de 2015.

CAMPOS, L.S.; GARCIA, A. **O apoio social familiar: influências no bem-estar, identidade e saúde mental de homossexuais**. 2014. Disponível em <http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/1402930204_arquivo_oapoiocialfamiliarinfluenciasnobem-estar,identidadeesaudeentaldehomossexuaistextocompleto.pdf>. Acesso em 08 de abril de 2015.

CECCARELLI, P.R. A invenção da homossexualidade. **Rev. Bagoas**, Rio Grande do Norte, v. 2, n. 2, art. 3, p. 71-93, 2008. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n02art03_ceccarelli.pdf>. Acesso em 14 de setembro de 2015.

CECHINATTO, S.D. Pais com Filho(a) Homossexual: e agora, como lidar com isso? **Rev. Psicólogo**, Set 2013. Disponível em <<https://psicologado.com/psicologia-geral/sexualidade/pais-com-filho-a-homossexual-e-agora-como-lidar-com-isso>>. Acesso em 08 de abril de 2015.

CHAUÍ, M. **Repressão Sexual**: esta nossa desconhecida. São Paulo, Brasiliense, 1988.

CIAMPA, A.C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um estudo de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. Identidade. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. **Psicologia Social**: o homem em movimento. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.74.

CORRÊA JÚNIOR, S.P. et al. Homossexualidade e construção de papéis. **Revista de Psicologia**. Fortaleza, volume I, 2010. Disponível em <http://www.revistapsicologia.ufc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=36%3Ahomossexualidade-e-construcao-de-papeis&catid=29%3Aano-i-edicao-i&Itemid=54&limitstart=2&lang=pt ->. Acesso em 01 de março de 2015.

COSTA, J.F. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

CRUZ, D.M.M. **O que a família da criança com deficiência tem a nos dizer sobre a inclusão escolar de seus filhos?**. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

DINIS, N.F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 39, Abril. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 de abril de 2015.

DINIS, N.F.; CAVALCANTI, R.F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 99-109, Aug. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

ERIKSON, H.E.; **Identidade**: Juventude e Crise. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cad. AEL**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 83-126, 2003. Disponível em <http://www.ael.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/73/75>. Acesso em 14 de setembro de 2015.

FORASTIERI, V. Orientações sexuais, evolução e genética. **Candombá – Revista Virtual**, Bahia, v. 2, n. 1, p. 50–60, jan – jun 2006. Disponível em <<http://revistas.unijorge.edu.br/candomba/2006-v2n1/pdfs/ValterForastieri2006v2n1.pdf>>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

FRANÇA, M.R.C. Famílias homoafetivas. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 de março de 2015.

FRAZÃO, P.; ROSÁRIO, R. O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 26, n. 1, 2008. Disponível em <<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/475/pdf>>. Acesso em 21 de outubro de 2015.

FREITAS, J.C.R. Exclusão social, fracasso e evasão escolar de jovens homossexuais. In: **ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE SENAC**, 5, 2011. Disponível em <http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/V/anais/comunicacao/012_2011_ap_oral.pdf>. Acesso em 29 de abril de 2015.

GAFO, J. Biologia da sexualidade humana: transição ou salto? In: VIDAL, M. **Homossexualidade: ciência e consciência**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

GHIORZI, A.C.; TARNOVSKI, F.L. A homossexualidade na manutenção dos vínculos familiares. *Novos Debates*, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em <<http://novosdebates.abant.org.br/index.php/numero-atual/114-v1-n2/novas-pesquisas/122-a-homossexualidade-na-manutencao-dos-vinculos-familiares>>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, A.S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Rev. adm. empres.*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, June 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 de junho de 2015.

GODOY, R.M. A voz das mulheres lésbicas: o discurso oculto ao desvendamento das vivências e do imaginário erótico. **Revista do Núcleo de Estudos da Sexualidade**. Florianópolis: NES, v.1, n.1, ago./dez.1997.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GUIMARAES, A.F.P. O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 17, n.

2, 2009 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200023&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

HEILBORN, M.L. et al. **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

JACQUES, M.G.C. **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. 13. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 12. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 15, n. 1, p. 165-178, 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19 de outubro de 2015.

LAING, R.D. **A política da família**: e outros ensaios. Brasil: Martins Fontes, 1971.

LANE, S.T.M. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LASSO, P. Sociologia da homossexualidade. In: VIDAL, M. **Homossexualidade: ciência e consciência**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, C.C. A história da homossexualidade e a luta pela dignidade. In: **Guia do Estudante**, 2012. Disponível em <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/historia-homossexualidade-luta-pela-dignidade-718218.shtml>>. Acesso em 08 de abril de 2015.

LOPES, G. **Sexualidade Humana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Médica e Científica, 1993.

MACIEL, C.A.B. A modernidade da família moderna. **Rev. NUFEN**, São Paulo , v. 1, n. 1, ago. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

MALUF, A.C.R.F.D. **Novas modalidades de família na pós-modernidade**. 2010. 348 f. Tese (Doutora em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2131/tde-31012011-154418/pt-br.php>>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

MANZINI, E.J. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Depto de Educação Especial**, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília, 2012. Disponível em <<http://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/03/MANZINI-Jos%C3%A9-Eduardo-Entrevista-semi-estruturada-An%C3%A1lise-de-objetivos-e-de-roteiros.pdf>>. Acesso em 07 de outubro de 2015.

MARTINELLI, M.L. **Pesquisa Qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999.

MARTOS, J.M.F.; VIDAL, M. Esclarecimentos fundamentais: nome, definição, tipos e normalidade. In: VIDAL, M. **Homossexualidade: ciência e consciência**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MEDEIROS, M. O trabalhador homossexual: o direito a identidade sexual e a não discriminação no trabalho. In: POCAHY, F. **Rompendo o silêncio**: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

MOITA, M.G.M.N. **Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico**: a homossexualidade de dois lados do espelho. 2001. 393 f. Dissertação (Doutor em Ciências Biomédicas) - Universidade do Porto, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Porto, 2001. Disponível em <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/64568>>. Acesso em 07 de outubro de 2015.

MOREIRA, A.Z.M.; DÓCOLAS, G.M.G. A voz do segredo: homossexualidade na família. **Pensando Famílias**, v.1, n 1, p. 56-61, ago. 1999. Disponível em <<http://www.domusterapia.com.br/pdf/PF1ZucchiDocolas.pdf>>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

MOSQUERA, J.J.M.; STOBAUS, C.D. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na universidade. **Psic., Saúde & Doenças**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, 2006 . Disponível em <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v7n1/v7n1a06.pdf>> . Acesso em 18 de março de 2015.

OLIVEIRA, C.S. de; Assumir-se Lésbica: Desafios e Enfrentamentos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO , 7, [2006?], Florianópolis. **Homossexualidades femininas: subjetividade e política**. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Caroline_Schweitzer_de_Oliveira_20.pdf>. Acesso em 24 de outubro de 2015.

OLIVEIRA, M.K. de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

OLIVEIRA, M.J. **Da tatuagem à identidade do consumidor**: O caso dos homossexuais masculinos. 2012. 106 f. Dissertação (Mestre em Administração e Desenvolvimento Empresarial) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://portal.estacio.br/media/4359512/disserta%C3%A7%C3%A3o%20mario%20oliveira.pdf>>. Acesso em 17 de outubro de 2015.

PALMA, Y; LEVANDOWSKI, D.C. Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. **Psicol. estud., Maringá**, v. 13, n. 4, Dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 de abril de 2015.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEREIRA, H; LEAL, I.P. A identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 23, n. 3, jul. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312005000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 de março de 2015.

PERUCCHI, J.; BRANDAO, B.C.; VIEIRA, H.I.S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 19, n. 1, p. 67-76, Mar. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2014000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 de abril de 2015.

PIANA, M.C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-06.pdf>>. Acesso em 07 de outubro de 2015.

PORTELLA, R. Religião, sensibilidades religiosas e pós-modernidade: da ciranda entre religião e secularização. **Rev. de Estudos da Religião**. São Paulo, n. 2, p. 17-87, 2006. Disponível em <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_portella.pdf>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

REIS, J.R.T. Família, emoção e ideologia. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 99.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

RIOS, R.R. A homossexualidade e a discriminação por orientação sexual no direito brasileiro. **Revista Direito e Democracia**, vol. 2. Número 2 (2001). Disponível em <<http://www.ulbra.br/direito/files/direito-e-democracia-v2n2.pdf>>. Acesso em 08 de abril de 2015.

_____. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: POCAHY, F. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E.M.L.; JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. 20. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SANTANA, A.M. Mulher mantenedora/homem chefe de família: uma questão de gênero e poder. **GEPIADDE**, Itabaiana, v. 8, ano 4, jul-dez 2010. Disponível em <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identicidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_8/FORUM_V8_05.pdf>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

SARTI, C. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 12. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SILVA, A.N.N. **Homossexualidade e Discriminação**: o preconceito sexual internalizado. 2007. v 1. Tese (Doutor em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=9652@1>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

SILVA, J.P. da. Homossexualidade na família: como o preconceito pode afetar a sociabilidade de jovens gays. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS: ILEGALISMOS E LUGARES MORAIS, 2, 2011, Fortaleza. **Cidadania sexual, diversidade e direitos humanos: intersecções entre diferença, poder e violência**. Fortaleza: UFC, 2011. Disponível em <<http://www.lev.ufc.br/iiseminario/wp-content/uploads/2013/06/HOMOSSEXUALIDADE-NA-FAMILIA-COMO-O-PRECONCEITO-PODE-AFETAR-A-SOCIABILIDADE-DE-JOVENS-GAYS.pdf>>. Acesso em 25 de outubro de 2015.

SILVA, R.S.; SILVA, V.R. Política nacional de juventude: trajetória e desafios. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24n63/13.pdf>>. Acesso em 27 de março de 2015.

SILVA, S.G. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 3, Set. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 de abril de 2015.

SOBOLESKI, J. A religião como instrumento formador e mantenedor do Estado em Maquiavel. **Rev. Terceiro Incluído**, Goiás, v. 1, n. 2, 2011. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/teri/article/view/16780/10230>>. Acesso em 01 de novembro de 2015.

SOLIVA, T.B. Família e Homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9, 2010, Florianópolis. **Diásporas, diversidades, deslocamentos**. Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278084309_ARQUIVO_FAMILIAEHOMOSSEXUALIDADE.pdf>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

SOLIVA, T.B.; SILVA JUNIOR, J.B. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 124-148, Ago. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872014000200124&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 de setembro de 2015.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 17. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

SZYMANSKI, H. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, M.C.B. **A família contemporânea em debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 26.

TAVARES, M.S. Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 101, p. 121-145, Mar. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282010000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAL, A. C. et al. Transtorno de identidade de gênero (TIG) e orientação sexual. Rev. Bras. **Psiquiatria, São Paulo**, v. 32, n. 2, Junho de 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462010000200016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de abril de 2015.

VALADÃO, R.C.; GOMES, R. A homossexualidade feminina no campo da saúde: da invisibilidade à violência. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1451-1467, Dec. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

VENÂNCIO, J.C. **Homofobia e consequências da (não) assumpção da homossexualidade**: um estudo sobre a visão LGBT. 2010. 57 f. Dissertação (Mestrado integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em <[https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-estudos-homofobia-consequencias-\(nao\)-assumpcao-homossexualidade-um-estudo-sobre-visao-lgbt.pdf](https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-estudos-homofobia-consequencias-(nao)-assumpcao-homossexualidade-um-estudo-sobre-visao-lgbt.pdf)>. Acesso em 23 de outubro de 2015.

VERAS, M.P.B. Exclusão social – um problema brasileiro de 500 anos – Notas preliminares. In: SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 12. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

VIDAL, M. Avaliação moral da homossexualidade: exposição crítica da postura moral católica. In: VIDAL, M. **Homossexualidade: ciência e consciência**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: 2000.

XAVIER, B.M.R. **Estudo exploratório em jovens homossexuais masculinos sobre as percepções das (im)possibilidades da revelação da orientação sexual ao pai:** implicações para a construção de identidades sexuais não-normativas. 2013. 59 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde) - Universidade do Minho, Escola de Psicologia, Braga, 2013. Disponível em < <https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-estudos-2013-estudo-exploratorio-sobre-o-coming-out-a-figura-paterna.pdf>>. Acesso em 21 de outubro de 2015.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1) Como é a sua família? Como você a caracteriza? Mais tradicional ou mais moderna?
- 2) Como foi a sua educação familiar? Seus pais falavam sobre sexualidade abertamente com você?
- 3) Quando você se percebeu homossexual?
- 4) Ao se perceber, o que passou pela sua cabeça na época? E com relação a sua família, o que você pensou?
- 5) Já se assumiu para a família? Por que?
- 6) Antes da revelação, como imaginava que seria? Por quê?
- 7) Como foi contar sobre a sua orientação sexual a ela? Houve aceitação? Por quem?
- 8) O que sentiu após a revelação?
- 9) O que mudou ao fazer a revelação?
- 10) Algo mudou no seu comportamento após a revelação? O que mudou?
- 11) Como está a relação com sua família atualmente?
- 12) O que você acha que pode acontecer caso assuma a homossexualidade para a família?
- 13) O que pode mudar se você fizer a revelação?
- 14) Quais seus maiores temores e/ou dificuldades em relação a isso?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: A experiência da homossexualidade no espaço familiar.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Maryelen da Conceição Borges

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: Esta pesquisa visa compreender o processo de acolhimento do jovem ao revelar-se homossexual e as possíveis consequências no âmbito familiar. Tem como finalidade investigar como ocorre o processo de acolhimento do jovem ao revelar-se homossexual a família; compreender como as possíveis consequências de sua revelação influenciam na relação com a família; analisar como as possíveis consequências de sua revelação influenciam em seu comportamento e investigar como a história sócio familiar influencia na decisão do jovem revelar-se homossexual. A partir desses objetivos, serão feitas entrevistas semiestruturadas com dez jovens do sexo masculino e feminino, com idades entre 18 e 29 anos, com ensino médio e superior (completo ou incompleto), solteiros e residentes na região da Grande Vitória, escolhidos através de sua orientação sexual.

DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA: Considerando a natureza da pesquisa e o método aplicado, prevê-se que a pesquisa não promoverá riscos e desconfortos.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: Os benefícios da pesquisa são de fins acadêmicos e científicos. Temos a intenção de, ao fim da realização da pesquisa, buscar novas possibilidades de intervenção no cotidiano desta instituição.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Quando necessário, o voluntário receberá toda a assistência médica e/ou social aos agravos decorrentes das atividades da pesquisa.

Basta procurar o pesquisador: Maryelen da Conceição Borges pelo telefone: (27) 3251-1641 e no endereço: Av. Jones dos Santos Neves, 634, Serra Sede, Serra - ES. CEP 29176- 437.

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS: Em qualquer momento, o voluntário poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar

sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo do atendimento usual fornecido pelos pesquisadores.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS: As identidades dos voluntários serão mantidas em total sigilo por tempo indeterminado, tanto pelo executor, como pela instituição onde será realizado e pelo patrocinador. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em tabelas, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúde nacionais ou internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____,
portador da Carteira de identidade nº _____ expedida pelo
Órgão _____, por me considerar devidamente informado (a) e esclarecido
(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvido, livremente
expresso meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa. Fui
informado que meu número de registro na pesquisa é _____ e
recebi cópia desse documento por mim assinado.

Assinatura do Participante Voluntário

Assinatura do Responsável pelo Estudo

Data